ॐ

KATHA UPANISHAD[1]

Traduzido do original para o inglês e comentado por Swami Nikhilananda[2]

INVOCAÇÃO

Om. Que Brahman nos proteja a ambos! Que Brahman nos conceda a ambos o fruto do Conhecimento! Que ambos obtenhamos a energia para adquirir o Conhecimento! Que o que ambos estudamos revele a Verdade! Que não tenhamos nenhum sentimento ruim um pelo outro!

Om. Paz! Paz! Paz!

PROTEGER: Revelando a verdadeira natureza do Conhecimento.
AMBOS: O preceptor e o discípulo.
SENTIMENTO RUIM, ETC.: Devido à instrução pouco clara por parte do preceptor ou à compreensão imperfeita por parte do discípulo. A ideia é: Que não haja nenhum sentimento ruim entre nós por causa de qualquer erro cometido por um ou por outro, por descuido ou por algum outro motivo.
PAZ: A palavra é repetida três vezes para remover os três possíveis obstáculos que tanto o professor quanto o discípulo podem enfrentar, a saber, doença física, calamidade natural e danos causados por animais nocivos.

O Senhor Supremo é invocado no início e no término do estudo dos Vedas e outras escrituras para a remoção de todas as faltas cometidas intencionalmente, não intencionalmente, por descuido, excitação, negligência ou não observância das regras adequadas.

[1] Traduzido do livro em inglês *The Upanishads – Volume I* de Swami Nikhilananda.
[2] Swami Nikhilananda (1895-1973), um discípulo da Santa Mãe Sri Sarada Devi, foi o fundador do Centro Ramakrishna-Vivekananda de Nova Yorque, EUA. Autor de diversos livros, traduziu para o inglês o *Sri Ramakrishna Kathamrita (Gospel of Sri Ramakrishna*), o *Bhagavad Gita*, os *Upanishads*, etc.

PRIMEIRA PARTE

CAPÍTULO I

1. VAJASRAVASA, desejando recompensas, realizou o sacrifício Visvajit, no qual doou todas as suas posses. Ele tinha um filho chamado Nachiketa.

VAJASRAVASA: O nome de um rishi que viveu nos tempos védicos.
RECOMPENSAS: A serem colhidas em um mundo celestial após a morte.
VISVAJIT: Um sacrifício no qual o ofertante deve doar todas as suas posses aos sacerdotes e outros brâmanes.

2. -3. Enquanto as ofertas estavam sendo distribuídas, a fé entrou no coração de Nachiketa, que ainda era um menino. Ele pensou consigo mesmo: 'Certamente, sem felicidade são os mundos para os quais vai aquele que doa vacas incapazes de beber, comer, dar leite ou procriar.'

FÉ: A palavra sânscrita *śraddhā* significa uma crença intuitiva na existência de uma Realidade subjacente ao universo. Portanto, também indica fé nas palavras das escrituras e de um preceptor qualificado, ambos ensinando a realidade de Brahman e a imortalidade da Alma. *Śraddhā* é uma atitude mental afirmativa, em oposição a uma atitude cética e negativa. Essa virtude espiritual básica inclui humildade, sinceridade, seriedade, determinação, reverência e uma resolução inabalável de descobrir a verdade a qualquer custo. Dotado dela, o aspirante não recua diante de nenhum risco ou dificuldade. Possuindo tal fé, Nachiketa, como se verá adiante, entrou na Morada da Morte e rejeitou todas as tentações em nome da verdade. O termo não significa uma crença mecânica nas palavras de um homem ou livro.
MENINO: A palavra transmite a ideia de que Nachiketa estava no limiar da juventude e levava a vida de um *brahmacharin*, observando o voto de celibato e continência. Seu corpo e mente eram frescos, jovens, vigorosos e não maculados pela mundanalidade. Segundo os Vedas, tal pessoa é eminentemente qualificada para o Conhecimento de Brahman.

Evidentemente, o pai de Nachiketa estava doando apenas vacas velhas, decrépitas e inúteis, que não trariam nenhum benefício a quem as recebesse. Por fazer tal oferta, ele iria para mundos infelizes após a morte. O primeiro efeito de *śraddhā* em Nachiketa foi o desejo de salvar seu pai do sofrimento.

Nachiketa pensou que, como filho dedicado, deveria evitar as consequências danosas que recairiam sobre seu pai por doar vacas inúteis no sacrifício. Para esse fim, ele estava disposto a renunciar até mesmo à própria vida.

4. Ele disse ao pai: 'Pai! A quem você me dará?' Ele repetiu isso uma segunda e uma terceira vez. Então seu pai respondeu: 'À morte eu te darei.'

ME DARÁ: As regras desse sacrifício em particular exigiam a doação de todas as posses. O filho é uma posse do pai. Nachiketa queria saber a qual sacerdote ou brâmane ele seria doado. Ele não queria que seu pai se desviasse da verdade. *Śraddhā*, ou fé, criara na mente de Nachiketa uma devoção inabalável à verdade.
À MORTE, ETC.: Por duas vezes, o pai não deu atenção ao que considerou uma insolência do menino. Por fim, perdeu a paciência e disse a ele para ir à morte.

O pai, tendo falado, ainda que com raiva, teve que cumprir sua palavra e sacrificar o filho. Nachiketa refletiu longamente sobre as palavras do pai e disse a si mesmo:

5. Entre muitos, sou o primeiro; ou entre muitos, sou o mediano. (Mas certamente nunca sou o último.) Que propósito do Rei da Morte meu pai servirá hoje ao me entregar assim a ele?

MUITOS: Discípulos ou filhos.
PRIMEIRO: O melhor discípulo ou filho antecipa os desejos do mestre ou pai e os cumpre.
MEDIANO: Tal discípulo aguarda os desejos expressos do superior antes de agir.
ÚLTIMO: O discípulo ou filho inferior não cumpre o comando do superior, mesmo quando ordenado.
QUE PROPÓSITO, ETC.: Evidentemente, não era a real intenção do pai ver seu filho morrer. Ele proferira as palavras com raiva.

Nachiketa percebeu rapidamente a situação difícil de seu pai, mas não queria que ele voltasse atrás em sua palavra. Enquanto isso, o pai também começou a lamentar sua declaração precipitada. O filho o consolou.

6. Nachiketa disse: Olhe para trás e veja como foi com aqueles que vieram antes de nós, e observe como está com aqueles que agora estão conosco. Um mortal amadurece como o milho, e como o milho ele brota novamente.

COMO FOI ETC: Nachiketa indicou que nem seus antepassados nem as pessoas justas de seu tempo jamais se desviaram da verdade, e que apenas pessoas más praticavam a falsidade.
AMADURECE: Quando o milho está maduro, ou cai no chão ou é cortado.
BROTA: Quando é semeado novamente na próxima estação.

Nenhum benefício real ou permanente é derivado da falsidade. Os homens são mortais. Eles seguem o ciclo de nascimento e morte, como o milho. Quando o milho está maduro, é cortado e armazenado; é semeado novamente na próxima estação. Então ele brota como novas plantas. Portanto, Nachiketa pediu a seu pai que seguisse a verdade e o enviasse à Morada da Morte.

O Rishi Vajasravasa enviou seu filho a Yama, o Rei da Morte, para cumprir sua palavra. Quando Nachiketa chegou, Yama estava ausente. Ele passou três noites lá sem comer. Quando Yama retornou, foi informado disso por seus ministros e outros. Eles disseram a ele:

7. Verdadeiramente, como fogo, um hóspede brâmane entra em uma casa; o dono da casa o apazigua dando-lhe água e um assento. Traga-lhe água, ó Rei da Morte!

FOGO: Se um brâmane não recebe a hospitalidade adequada, ele consome, como fogo, a felicidade da família à qual veio como hóspede.
BRÂMANE: Como os brâmanes eram os guardiões da cultura espiritual dos indo-arianos, eles eram tratados com grande respeito na sociedade hindu.
HÓSPEDE: O respeito por um hóspede é um costume antigo na Índia. Ele é considerado pelos hindus como uma verdadeira manifestação de Deus.
DAR-LHE ETC: Em um país quente como a Índia, oferece-se água a um hóspede para lavar seus pés; depois um assento; e então comida.

O dano que ocorreu a um dono de casa por ser inóspito a um hóspede foi descrito pelos ministros de Yama:

8. O brâmane que habita em uma casa, jejuando, destrói as esperanças e expectativas daquele dono da casa tolo, a recompensa de seu convívio com pessoas piedosas, o mérito de sua fala bondosa, os bons resultados de seus sacrifícios e ações benéficas, e também seu gado e filhos.

ESPERANÇAS: Por objetos desejados e não vistos, mas alcançáveis, como prazeres no céu.
EXPECTATIVAS: Por objetos vistos e alcançáveis, como riqueza, cavalos, gado, filhos.
AÇÕES BENÉFICAS: Obras de bem-estar público, como a escavação de poços, o plantio de árvores frutíferas à beira da estrada e a construção de estradas e albergues.

O significado é que um hóspede não deve, em nenhuma circunstância, ser desprezado.

Sendo assim abordado por seus ministros, o Rei da Morte se aproximou de Nachiketa e o reverenciou.

9. Yama disse: Ó brâmane, saudações a você! Você é um hóspede venerável e habitou em minha casa três noites sem comer; portanto, escolha agora três bênçãos, uma para cada noite, ó brâmane! Que tudo seja bom para mim!

ESCOLHA: O Rei da Morte sabia que Nachiketa seria gracioso o suficiente para perdoá-lo por esta ofensa não intencional; ainda assim, ele queria agradar seu hóspede de todas as formas.

Como primeira bênção, Nachiketa pediu a Yama que removesse a preocupação de seu pai e trouxesse felicidade a ele.

10. Nachiketa disse: Ó Morte, que Gautama, meu pai, seja calmo, alegre e livre de raiva em relação a mim! Que ele me reconheça e me cumprimente quando eu for enviado para casa por você! Isso eu escolho como a primeira das três bênçãos.

CALMO: Livre de preocupação quanto ao bem-estar de Nachiketa no Morada dos Mortos. O desejo foi concedido.

11. Yama disse: Através de meu favor, teu pai, Auddalaki Aruni, te reconhecerá e será novamente para ti como antes. Depois de te ver livre das garras da morte, ele dormirá em paz à noite e não guardará ira contra ti.

NÃO GUARDARÁ IRA, ETC.: O pai estivera zangado com o que considerou conduta insolente de Nachiketa durante o sacrifício.

Como segundo desejo, Nachiketa pediu a Yama que lhe ensinasse o sacrifício que permite ao seu executor ir a Brahmaloka e desfrutar da imortalidade.

12. -13. Nachiketa disse: No Mundo Celestial não há temor algum. Tu, ó Morte, não estás lá, e ninguém teme a velhice. Deixando para trás fome e sede, e além do alcance da tristeza, todos se alegram no Céu.
Tu conheces, ó Morte, o Sacrifício do Fogo, que conduz ao Céu. Explica-o a mim, pois estou cheio de fé. Os habitantes do Céu alcançam a imortalidade. Peço isto como meu segundo desejo.

MUNDO CELESTIAL: A frase refere-se a *Brahmaloka*.
TEMOR: Devido a doenças, velhice, etc. O Rei da Morte tem poder apenas sobre os habitantes da terra, e nenhum sobre os de *Brahmaloka*.
IMORTALIDADE: Imortalidade relativa. Comparada à vida dos seres na terra, a vida dos habitantes de *Brahmaloka* é muito longa; ainda assim, é muito breve do ponto de vista de Brahman.

Segundo os Vedas, os que moram em *Brahmaloka* estão livres da velhice e da morte. Vivendo de néctar e ambrosia, não experimentam sede nem fome. Não são vítimas da tristeza, do medo e de outras limitações da vida terrena.

14. Yama disse: Conheço bem o Sacrifício do Fogo, que conduz ao Céu, e eu te explicarei. Escuta-me. Sabe que este Fogo é o meio de alcançar o Céu. Ele é o suporte do universo; está oculto nos corações dos sábios.

SUPORTE, ETC.: Uma forma do Fogo é *Virat*, que é a totalidade dos corpos materiais do universo. *Virat* é o corpo da Pessoa Cósmica.
CORAÇÕES: O segredo deste sacrifício é revelado apenas aos intelectos dos sábios. Os místicos da Vedanta geralmente localizam a intelecto no coração.

A Vedanta não dualista afirma que Brahman, ou Consciência Pura, está livre de atributos e ações. Por meio de maya, Ele parece associar-se a atributos. Então, torna-se conhecido como *Saguna* Brahman, que é o Criador, Preservador e Destruidor do universo. *Saguna* Brahman corresponde aproximadamente ao Deus Pessoal das religiões dualistas. Ele também é conhecido, conforme Seus diferentes aspectos e funções, por epítetos como *Hiranyagarbha* (o Ovo Dourado), Brahma (a Alma do Mundo), *Sutratma* (o *Ātman*, ou Alma, que mantém todas as coisas unidas, como o fio de um colar), *Agni* (Fogo), *Prana* (Vida) e *Virat* (a Pessoa Cósmica). Ele está imanente na criação, mas ao mesmo tempo é o Senhor de *Brahmaloka*, o plano mais elevado do universo relativo.
Os seres humanos afortunados que adoram *Saguna* Brahman com devoção plena vão, após a morte, a *Brahmaloka* e desfrutam ali de grande felicidade, participando da vida cósmica de Brahma. Eles lá permanecem até o fim do ciclo e, depois, junto com Brahma, realizam sua identidade com Brahman, o Absoluto. Segundo os videntes védicos, outras duas classes de homens também vão a *Brahmaloka*: os que realizaram cem sacrifícios de cavalo e os que viveram toda a vida como *brahmacharis* sem entrar no estágio de *sannyasa*. No entanto, devido ao conhecimento imperfeito, eles retornam à terra após esgotarem os frutos de suas ações meritórias. Outros chefes de família, que cumprem os deveres prescritos e participam de obras humanitárias, vão após a morte a um céu inferior chamado *Chandraloka* e desfrutam de felicidade celestial. Após esgotarem os resultados de suas ações, retornam à terra. Os habitantes dos mundos celestiais são chamados *devas*, ou deuses. Embora a felicidade em *Brahmaloka* ou em qualquer outro céu supere em muito a da terra, ainda assim é uma felicidade relativa. A imortalidade desfrutada pelos deuses também é relativa. A verdadeira Imortalidade, como ensinam os *Upanishads*, é alcançada aqui na terra através do Conhecimento do Ser. Segundo a Vedanta, a terra, o céu e outros planos são diferentes manifestações de Brahman, ou Consciência Pura, no tempo e no espaço.

O Sacrifício do Fogo explicado:

15. Yama então lhe explicou sobre o Fogo, que é a origem dos mundos, quais tijolos deveriam ser reunidos para o altar, quantos, e como o fogo sacrificial deveria ser aceso. Nachiketa também repetiu tudo conforme lhe havia sido dito. Então Yama, satisfeito com ele, falou novamente.

FONTE: O Fogo, na forma de *Virat*, é o primeiro a ser criado no início do ciclo.
QUAIS TIJOLOS ETC: Ou seja, que tipo de tijolos.
QUANTOS: O número de tijolos é setecentos e vinte, o que corresponde ao número de dias e noites em um ano de trezentos e sessenta dias.

O Rei da Morte quis conceder a Nachiketa um presente adicional.

16. A Morte, de elevada alma e muito satisfeita, disse a Nachiketa: Agora lhe darei outro presente: este Fogo será nomeado em sua homenagem. Leve também de mim este colar multicolorido.

MUITO SATISFEITO: Porque Nachiketa havia demonstrado que possuía todas as qualificações de um verdadeiro discípulo.
COLAR MULTICOLORIDO: Um colar de pedras preciosas de várias cores. Ou as palavras podem significar o conhecimento do karma, ou ação, que leva a resultados diversos.

O Rei da Morte então descreveu o fruto do sacrifício de Nachiketa:

17. Aquele que tendo realizado três vezes este sacrifício de Nachiketa, tendo sido instruído pelos três, e também tendo cumprido seus três deveres, supera o nascimento e a morte. Tendo conhecido este Fogo nascido de Brahman, onisciente, luminoso e adorável, e o tendo realizado, ele alcança a paz suprema.

TRÊS VEZES: As palavras no texto também podem significar: 'tendo estudado, aprendido e realizado o sacrifício.'
INSTRUÍDO PELOS TRÊS: Um é instruído por sua mãe antes de ser investido com o cordão sagrado, por seu pai enquanto estuda os Vedas, e finalmente por seu mestre. Um segundo significado é: 'tendo sido instruído nos Vedas e nos *Smritis* e por homens virtuosos'; e um terceiro significado: 'tendo adquirido conhecimento por meio de evidência direta, inferência e escrituras.' O conhecimento adquirido por esses meios purifica o coração e se torna frutífero.
TRÊS DEVERES: São o estudo das escrituras, a realização de sacrifícios e a doação de esmolas.
LUMINOSO: O significado literal da palavra *deva* no texto, geralmente traduzida como 'deus'.
REALIZADO: Como seu próprio Ser.
PAZ SUPREMA: A mais elevada paz no mundo relativo.

O realizador do sacrifício de Nachiketa atinge o plano de *Virat*, ou *Brahmaloka*, e se torna parte de *Virat*, que controla o universo. A disciplina pela qual essa posição exaltada é realizada, combina conhecimento com ação. A Libertação final, no entanto, é alcançada apenas pelo Conhecimento de Brahman.

Yama concluiu o tópico do sacrifício de Nachiketa:

18. Aquele que, tendo conhecido os três, realizou três vezes o sacrifício de Nachiketa, abandona, ainda aqui, as correntes da morte, supera a tristeza e se regozija no Céu.

OS TRÊS: A saber, os tipos de tijolos necessários para o altar, seu número e a maneira de acender o fogo sacrificial.
REALIZOU ETC: No momento do sacrifício, o sacrificador medita sobre o Fogo como uno consigo mesmo.
AINDA AQUI: Antes da morte do corpo.
CORRENTES DA MORTE: Ou seja, o vício, a ignorância, o apego, o ódio, e outros, que fazem de alguém uma vítima de mortes repetidas.
REGOZIJAR-SE NO CÉU: Tendo alcançado o status de *Virat* e participado de Sua vida cósmica.

O resultado do sacrifício de Nachiketa, quando realizado de acordo com as regras prescritas, é a obtenção do plano de *Virat*, onde se comunga com *Saguna* Brahman, ou Brahman com atributos. (Ver nota em I. i. 14.)

Yama agora estava pronto para oferecer a Nachiketa o último das três dádivas prometidas.

19. Este, ó Nachiketa, é o teu sacrifício do Fogo, que conduz ao Céu e que escolheste como teu segundo presente. As pessoas chamarão este Fogo pelo teu nome. Agora, ó Nachiketa, escolhe o terceiro presente.

Por causa de sua promessa de conceder três presentes a Nachiketa, Yama ainda se considerava um devedor; portanto, pediu ao jovem que selecionasse o terceiro presente e o absolvesse da dívida.

As seções Mantra e Brahmana dos Vedas, conhecidas como Karmakanda, que tratam de sacrifícios e outras ações ritualísticas, estabelecem várias injunções mandatórias e proibitórias. Os dois primeiros presentes pedidos por Nachiketa se enquadravam no escopo dessas seções. O Karmakanda não trata do verdadeiro conhecimento da natureza do Ātman. Isso é discutido nos Upanishads, que formam o Jnanakanda, ou porção filosófica dos Vedas. As injunções mandatórias e proibitórias se aplicam apenas àqueles que, sob o feitiço da ignorância, associam noções ilusórias ao Ātman, como a de que Ele é o autor da ação e que é o desfrutador de seu fruto. A ignorância da natureza do Ātman é a causa do samsara, ou repetidos nascimentos e mortes no universo relativo. Essa ignorância pode ser destruída com a ajuda do verdadeiro Conhecimento, que revela a identidade do Ātman e Brahman e é caracterizado por uma ausência total de sobreposições ilusórias. O restante do Katha Upanishad é dedicado à discussão desse Conhecimento, que concede o Supremo Bem. Até mesmo a felicidade de Brahmaloka, alcançada através do segundo presente, não é a mesma que a verdadeira Imortalidade. Esta só é possível através do Autoconhecimento buscado no terceiro presente. Assim, a estória leva a uma discussão sobre o Ātman.

20. Nachiketa disse: Há esta dúvida sobre um homem quando ele morre: Alguns dizem que ele existe; outros, que não. Isso eu gostaria de saber, ensinado por ti. Este é o terceiro dos meus desejos.

QUE ELE EXISTE: Ou seja, que há no homem um elemento indestrutível que é diferente do corpo, dos sentidos, da mente e do *buddhi*, ou faculdade discriminativa, e que assume outro corpo após a morte.
ISSO EU GOSTARIA ETC: A realização do objetivo supremo da vida depende do Autoconhecimento.
ENSINADO POR TI: Porque, mesmo que tal *Ātman* exista, Ele não pode ser conhecido nem pelos órgãos dos sentidos nem por inferência. Apenas um mestre qualificado pode transmitir o Autoconhecimento.

Os dois primeiros presentes escolhidos por Nachiketa aplicam-se a uma pessoa não iluminada, consciente de noções como dever, felicidade, o aqui e o além. Segundo um preceito védico, tal pessoa deve cumprir suas obrigações morais e religiosas para purificar seu coração. Quando ela percebe que a felicidade do universo relativo, incluindo a de *Brahmaloka*, é transitória, então se torna apta a cultivar o Autoconhecimento. Nachiketa será em breve presenteado pelo Rei da Morte com vários objetos terrenos e celestiais que pessoas ignorantes almejam, e será explicado que estes são obstáculos ao Autoconhecimento.

A aquisição do Autoconhecimento exige uma disciplina espiritual austera. Tal Conhecimento só pode ser alcançado por aqueles que estão desapegados de todos os desejos e objetos materiais. O Rei da Morte quis se certificar da seriedade e determinação de Nachiketa e o submeteu a testes severos.

21. Yama disse: Sobre este assunto, até os deuses outrora tiveram dúvidas. Não é fácil de entender: a natureza do *Ātman* é sutil. Escolhe outro presente, ó Nachiketa! Não me pressiones. Liberta-me desse pedido."

NÃO É FÁCIL ETC: Mesmo que explicado repetidamente, é ininteligível para mentes comuns.

O discípulo permaneceu firme em sua determinação.

22. Nachiketa disse: Ó Morte, até os deuses têm dúvidas sobre este assunto; e tu declaraste que não é fácil de entender. Mas outro mestre como tu não pode ser encontrado, e certamente nenhum outro presente se compara a este.

COMO TU: Yama, o Rei da Morte, ocupa uma posição muito elevada entre os deuses hindus. Ele é a personificação do *dharma*, ou retidão, e do autocontrole. Por causa de seu supremo desapego, ele recebeu o poder de decidir o destino dos homens após a morte.
NENHUM OUTRO PRESENTE: Apenas o Autoconhecimento concede ao homem o Bem Supremo. Todas as outras formas de conhecimento produzem resultados transitórios.

Em seguida, o Rei da Morte testou Nachiketa oferecendo-lhe vários prazeres mundanos.

23. Yama disse: Escolhe filhos e netos que viverão cem anos; escolhe elefantes, cavalos, rebanhos de gado e ouro. Escolhe um vasto domínio na terra; vive aqui quantos anos desejares.

VIVE AQUI ETC: Para uma pessoa de vida curta, os prazeres terrenos passam muito rápido; para fazer sua sugestão parecer valiosa, Yama oferece a Nachiketa um período infinito de gozo.

24. Se considerares algum outro presente igual a esse, escolhe-o; escolhe riqueza e uma longa vida. Seja o rei, ó Nachiketa, da vasta terra. Eu farei de ti o desfrutador de todos os desejos.

ESSE: Descrito no verso anterior.
TODOS OS DESEJOS: Tanto terrenos quanto celestiais.

25. Quaisquer desejos que sejam difíceis de satisfazer neste mundo de mortais, escolhe-os como quiseres: estas belas donzelas, com suas carruagens e instrumentos musicais — os homens não podem obtê-las. Eu as dou a ti e elas te servirão. Mas não me perguntes sobre a morte.

NÃO ME PERGUNTES ETC: Para um buscador da felicidade tangível, perguntar sobre o destino da alma após a morte é tão inútil quanto 'examinar os dentes de um corvo.'

Apesar de tentado por esses objetos sedutores, Nachiketa permaneceu inalterável, como as profundezas serenas do oceano.

26. Nachiketa disse: Mas, ó Morte, estes duram apenas até amanhã. Além disso, eles esgotam o vigor de todos os órgãos dos sentidos. Até a mais longa vida é de fato curta. Guarda teus cavalos, danças e cantos para ti.

DURAM ETC: Ou seja, todos os prazeres materiais são transitórios.
ESGOTAM: Pelo gozo dos prazeres sensoriais, o homem perde gradualmente seu *dharma*, virilidade, sabedoria, força e fama. Portanto, no fim, eles são prejudiciais.
ATÉ A MAIS LONGA ETC: Tudo o que existe no tempo e no espaço está sujeito ao nascimento, crescimento, decadência e morte. Um deus pode viver mais que um homem, e Brahma, o Criador, pode viver mais que todos; mas quando o universo chega ao fim no término do ciclo, homens e deuses desaparecem. Só o *Ātman* está além do tempo e do espaço; logo, Ele é imortal. Comparada à Imortalidade do *Ātman*, até a vida de Brahma é tão momentânea quanto o piscar de olhos. A Imortalidade (*Amritatvam*) é a verdadeira natureza do homem, e sua realização é o objetivo consciente ou inconsciente de seus esforços. Como Nachiketa era um buscador da Imortalidade, ele não poderia se satisfazer com qualquer coisa existente no tempo e no espaço e governada pela lei da causalidade.

Além disso:

27. A riqueza nunca pode tornar um homem feliz. Além disso, desde que te contemplei, certamente obterei riqueza; também viverei enquanto tu governares. Portanto, nenhuma dádiva será aceita por mim, exceto aquela que pedi.

RIQUEZA ETC: É bem sabido que um homem ganha dinheiro com trabalho incansável e grande sofrimento, mas não obtém dele satisfação duradoura.
DESDE QUE TE CONTEMPLEI: Como Nachiketa havia conquistado o favor de Yama, ele teria tanto a riqueza quanto uma vida longa, se assim desejasse.

28. Quem entre os mortais decadentes aqui abaixo, tendo se aproximado dos imortais imperecíveis e vindo a saber que suas necessidades superiores podem ser cumpridas por eles, se regozijaria com uma vida demasiado longa, depois de ter refletido sobre os prazeres que surgem da beleza e dos cantos?

IMPERECÍVEIS: Os deuses estão livres da velhice e da enfermidade, embora sujeitos à morte eventual.
NECESSIDADES SUPERIORES: Para quem busca a Imortalidade, o cultivo do conhecimento, da discriminação e da renúncia são mais desejáveis do que a riqueza. Quando os deuses são propiciados, eles podem conceder ao homem virtudes espirituais.
REGOZIJAR-SE ETC.: Um homem deve, eventualmente, se separar de suas posses materiais. Quanto mais tempo ele as desfruta, mais arrependimento sente no momento da separação.
REFLETIDO: Um homem ponderado percebe que os prazeres mundanos não passam de sensações transitórias resultantes do contato dos órgãos dos sentidos com seus objetos. Eles não podem salvá-lo da decadência e da morte.

Estes e os versos anteriores mostram o quanto Nachiketa estava impressionado pela natureza efêmera de todo prazer na terra e no céu. Seu anseio pela Libertação através do Autoconhecimento era intenso, de fato.

Nachiketa não poderia ser tentado pelo gozo mundano.

29. Dize-me, ó Morte, sobre aquele Grande Além, sobre o qual um homem tem suas dúvidas.
Nachiketa certamente não escolheria nenhum outro dom senão aquele tão envolto em mistério.

GRANDE ALÉM: A Eternidade. O conhecimento da natureza eterna da Alma é o único que confere a mais alta felicidade ao homem.

A segunda frase deste verso é uma declaração das escrituras, e não de Nachiketa.

Aqui termina o Capítulo Um
da Primeira Parte do
Katha Upanishad.

CAPÍTULO II

1. YAMA DISSE: O bom é uma coisa; o agradável, outra. Ambos, servindo a necessidades diferentes, prendem o homem. Vai bem para aquele que, dos dois, escolhe o bom; mas quem escolhe o agradável perde a meta.

BOM: O Bem Supremo.
O AGRADÁVEL: Prazeres sensoriais desfrutados por meio de riqueza, esposa, filhos e outros objetos materiais.
NECESSIDADES DIFERENTES: Conduzindo seus devotos aos diferentes objetivos de Liberação e escravidão.
PRENDE O HOMEM: O texto refere-se a pessoas não iluminadas, pertencentes aos vários estágios da vida e empenhadas no cumprimento do que consideram seus deveres. Alguns buscam o prazer, e outros, o Bem Supremo, ou Liberação, de acordo com sua respectiva evolução espiritual. Os primeiros perseguem *avidya*, ou o conhecimento inferior, e os últimos, *Vidya*, ou o Conhecimento Superior. Assim, ambos são ditos estar presos por seu próprio senso de dever. Até mesmo o esforço pela Liberação indica um estado de escravidão. Para uma pessoa iluminada, que realizou a plena liberdade do Ser, não há esforços, deveres ou obrigações — como a prática de meditação ou a observância de votos espirituais. Está livre de todas as amarras do mundo relativo.
VAI BEM: Porque o ideal do bom confere, em última instância, o Bem Supremo.
DOS DOIS: A saber, o bom e o agradável. Eles são mutuamente opostos e não podem ser perseguidos simultaneamente por ninguém.
META: Autoconhecimento, que é o objetivo supremo do esforço humano.

Está ao alcance de todo homem escolher qualquer um dos dois ideais; mas a maioria se apega aos prazeres mundanos. Eles são realmente de visão curta e destituídos de discernimento.

2. Tanto o bom quanto o agradável se apresentam ao homem. A alma em calma os examina bem e discrimina. Sim, ele prefere o bom ao agradável; mas o tolo escolhe o agradável por ganância e avareza.

ALMA EM CALMA: Essa calma é o resultado da discriminação entre o Real e o irreal.

DISCRIMINA: Como um cisne separando o leite de uma mistura de leite e água, ou uma formiga peneirando açúcar de uma mistura de açúcar e areia.
PREFERE, ETC.: Porque, do ponto de vista do bem-estar último do homem, o bom supera em muito o agradável.
POR GANÂNCIA, ETC.: Ou seja, o tolo é impelido pelo motivo da ganância e avareza. Ele busca coisas materiais para o sustento e proteção de seu corpo.

A maioria das pessoas é destituída do poder de discriminação [discernimento]. Elas são levadas pela ganância e apego. Portanto, preferem os prazeres mundanos à bem-aventurança espiritual.

Novamente, o Rei da Morte elogiou o discernimento e o desapego de Nachiketa:

3. Ó Nachiketa, após ponderar bem os prazeres que são ou parecem ser deliciosos, você renunciou a todos eles. Você não tomou o caminho abundante em riqueza, onde muitos homens afundam.

QUE SÃO: Objetos tangíveis de prazer, como riqueza e parentes.
PARECEM SER, ETC.: Tais como donzelas celestiais e outros objetos no céu.
CAMINHO, ETC.: As pessoas mundanas seguem esse caminho e afundam, infelizmente, na lama.

A felicidade material foi oferecida a Nachiketa em sua forma mais tentadora.

Foi dito que vai bem para o seguidor do bom e que o seguidor do agradável perde a meta. Por quê?

4. Muito afastados e levando a fins diferentes estão estes dois: a ignorância e o que é conhecido como Conhecimento. Eu o considero, ó Nachiketa, como alguém que deseja o Conhecimento; pois nem mesmo muitos prazeres puderam afastá-lo.

MUITO AFASTADOS: Os dois caminhos do agradável e do bom, sendo da natureza da ignorância e do Conhecimento, são mutuamente exclusivos, como escuridão e luz.
FINS DIFERENTES: Ou seja, escravidão e Liberdade.
AFASTÁ-LO: Do caminho do bom, fazendo Nachiketa sucumbir ao gozo mundano.

O Rei da Morte condenou a ignorância apontando seu resultado funesto.

5. Tolos, habitando na escuridão, mas julgando-se sábios e eruditos, giram em círculos, por vários caminhos tortuosos, como cegos guiados por cegos.

HABITANDO NA ESCURIDÃO: Ou seja, acorrentados por miríades de desejos por objetos mundanos.

SÁBIOS: Dotados de sabedoria mundana.
ERUDITOS: Bem versados na letra das escrituras.
GIRAM EM CÍRCULOS: Ou seja, após a morte, são forçados a assumir diferentes corpos, bons e maus, todos resultantes de sua ignorância.
POR VÁRIOS, ETC.: Esses caminhos tortuosos são caracterizados por velhice, sofrimento e morte.

Esses tolos são privados do conhecimento do Grande Além.

6. O Além nunca se revela a uma pessoa destituída de discriminação, desatenta e perplexa pela ilusão da riqueza. 'Só este mundo existe', ele pensa, 'e não há outro.' Vez após vez, ele cai sob meu domínio.

ALÉM: O conhecimento da existência da alma após a destruição do corpo. A palavra também significa certas disciplinas espirituais, como a repetição e meditação de Om, por meio das quais se pode desfrutar de paz e bem-aventurança em *Brahmaloka* ou mesmo realizar sua identidade com Brahman.
PESSOA, ETC.: Uma pessoa tola, dotada de uma mente não desenvolvida, como a de uma criança.
DESATENTA: Distraída pelo apego a posses mundanas.
PERPLEXA: Como um homem em densa escuridão.
ESTE MUNDO: O mundo percebido pelos sentidos.
VEZ APÓS VEZ, ETC.: Ou seja, ele passa por inúmeros nascimentos e mortes.

Tal é o destino da maioria dos homens.

Poucos e raros são aqueles que buscam o Autoconhecimento.

7. Muitos há que nem sequer ouvem falar de *Ātman*; mesmo ouvindo d'Ele, muitos não O compreendem. Maravilhoso é o expositor e raro o ouvinte; raríssimo é aquele que experiencia o *Ātman* quando ensinado por um preceptor capaz.

EXPOSITOR: Apenas quem realizou o Ser diretamente pode ensinar sobre Ele.
OUVINTE: Um buscador dotado das qualificações necessárias.

Segundo a Vedanta, aquele que praticou ações virtuosas em muitas vidas passadas desenvolve, em seu nascimento atual, um espírito de renúncia aos objetos materiais e manifesta um ardente anseio pelo Conhecimento de *Ātman*. Três coisas são verdadeiramente raras: nascer em um corpo humano, o desejo pela liberação espiritual e a orientação de um mestre competente.

O Ser não pode ser conhecido quando ensinado por alguém meramente erudito na letra das escrituras, mas que não realizou sua essência.

8. O *Ātman*, quando ensinado por uma pessoa inferior, não é facilmente compreendido, pois é diversamente interpretado pelos debatedores. Mas quando ensinado por aquele que se tornou um com o *Ātman*, não resta mais dúvida sobre Ele. O *Ātman* é mais sutil que o mais sutil e não pode ser conhecido através de argumentos.

PESSOA INFERIOR: Alguém com entendimento mundano, que identifica o Ser com objetos físicos como o corpo, sentidos, mente ou ego.
DIVERSAMENTE, ETC.: Aqueles que tentam determinar a natureza de *Ātman* por argumentos frequentemente O descrevem com características contraditórias, como existente ou inexistente, puro ou impuro.
QUANDO ENSINADO, ETC.: Segue-se uma adaptação do comentário de Shankara sobre o significado desta frase:

'Como o *Ātman* é bem compreendido? A resposta é: Se *Ātman* é ensinado por um mestre livre da ilusão da dualidade, que se tornou um com Brahman, então todas as dúvidas — como se *Ātman* existe ou não, se é o agente ou não — desaparecem. A própria natureza do Conhecimento de *Ātman* é pôr fim a todas as dúvidas.'

'Ou o texto pode ser interpretado assim: Quando *Ātman*, o Ser interior do homem, idêntico ao Ser Supremo, é ensinado, nada mais resta a ser conhecido, pois não há outro objeto cognoscível. A realização da unidade com *Ātman* é a consumação do conhecimento. Portanto, como não há mais nada a conhecer, o conhecimento cessa aqui.'

'Ou ainda: Quando o discípulo é ensinado que o *Ātman* não é diferente de Brahman, ele não retorna ao mundo, pois a Liberação segue-se imediatamente a esse conhecimento.'

'Ou: Quando um mestre que conhece sua identidade com Brahman ensina ao discípulo que ele também é Brahman, o discípulo não pode permanecer ignorante. Ou seja, ele também realiza a si mesmo como Brahman.'

ĀTMAN É MAIS SUTIL, ETC.: O *Ātman* deve ser ensinado por um mestre que realizou sua unidade com Brahman. Caso contrário, Ele parece inescrutável, pois é mais sutil que o mais sutil.

NÃO PODE SER CONHECIDO, ETC.: O Ātman não pode ser provado por meros argumentos. Nenhuma conclusão sobre uma realidade supramental é alcançada apenas pelo debate. A opinião de uma pessoa argumentadora reflete apenas o estado de sua mente, enquanto *Ātman* transcende todos os estados mentais.

O caminho para alcançar o Autoconhecimento:

9. Este Conhecimento não pode ser atingido pelo raciocínio. O *Ātman* torna-se fácil de compreender, ó querido, quando ensinado por outro. Você alcançou este Conhecimento agora. Você é, verdadeiramente, um homem de firme resolução. Que sempre tenhamos um inquiridor como você!

ESTE CONHECIMENTO: Sobre o *Ātman*, estabelecido pelos sábios e escrituras e ensinado por um mestre que realizou sua unidade com o Ser Supremo.
PELO RACIOCÍNIO: Quem depende apenas da lógica intelectual, sem experiência no verdadeiro significado das escrituras, tenderá a associar o Ser a noções de sua mente impura.
POR OUTRO: Ou seja, um mestre que não é apenas um filósofo intelectual, mas um realizador do Ser. Segundo os Upanishads, o Conhecimento do Ser não pode ser obtido sem um preceptor qualificado.
INQUIRIDOR: A palavra pode significar discípulo ou filho. Segundo um preceito védico, o conhecimento dos Vedas deve ser transmitido a um filho ou discípulo qualificado.

Ātman, o Ser, só é conhecido por experiência direta e imediata. Sendo Consciência Pura, Ele nunca pode, como objetos tangíveis, ser percebido pelos órgãos dos sentidos. Por ser transcendental, não pode ser conhecido por inferência. Apenas quando a mente se volta para dentro e se acalma através do autocontrole e concentração é que o *Ātman* Se revela na consciência mais íntima. Aqueles que tentam compreendê-Lo por argumentos nunca conseguem. No entanto, os *Upanishads* não condenam o raciocínio vedântico, que um estudante competente deve usar para assimilar os ensinamentos de seu mestre.

Yama elogiou a grande sabedoria de Nachiketa, pois este rejeitou até mesmo a oferta de uma posição celestial. O próprio Rei da Morte, embora consciente de sua impermanência, buscou, através de sacrifícios, a posição de um deus.

10. Yama disse: Sei que o tesouro resultante da ação não é eterno, pois o que é eterno não pode ser obtido pelo não-eterno. Ainda assim, realizei o sacrifício Nachiketa com coisas não eternas e alcancei esta posição [apenas relativamente] eterna.

TESOURO: O fruto do karma. Assim como um homem busca tesouros, também busca recompensas por ações virtuosas.
O QUE É ETERNO: O Ser Supremo.
NÃO PODE SER OBTIDO, ETC.: O efeito se dissolve quando o impulso da causa se esgota. Ele não existe antes de se manifestar — tem um começo e um fim.
AINDA ASSIM: Embora Yama soubesse que o eterno *Ātman* não poderia ser realizado por meios não eternos, ele usou tais meios para alcançar a posição de um deus no céu.
COISAS NÃO ETERNAS: Os acessórios do sacrifício, como animais, manteiga clarificada e cevada.
POSIÇÃO, ETC.: A posição de um deus, o Rei da Morte. A vida de um deus é eterna em comparação com a vida humana, mas não eterna do ponto de vista do Absoluto.

O Conhecimento de Brahman só é possível para quem renunciou a todos os prazeres do universo relativo, incluindo os de Brahmaloka, o Céu Supremo.

11. A realização dos desejos, o fundamento do universo, as recompensas infindáveis dos sacrifícios, a margem onde não há medo, aquilo que é adorável e grandioso, a morada vasta e a meta — tudo isso você viu; e, sendo sábio, rejeitou tudo com resolução firme.

A REALIZAÇÃO, ETC.: Todos os desejos relativos culminam na felicidade de *Brahmaloka*.
FUNDAMENTO, ETC.: Brahma, a divindade regente de *Brahmaloka*, é a Alma do Mundo.
INFINDÁVEIS: Do ponto de vista relativo.
MARGEM SEM MEDO: Em *Brahmaloka*, não há medo de velhice, doença ou morte, como ocorre na Terra. Mas isso ainda não é a Liberação verdadeira.
GRANDIOSO: Dotado de muitos poderes sobrenaturais.
MORADA VASTA: Duração incomensurável de anos.
META: O lugar da felicidade suprema.

Todos esses objetos pertencem a *Brahmaloka*. Apesar de terem sido oferecidos a Nachiketa como recompensa, ele os recusou firmemente. Ele era verdadeiramente um raro buscador do Autoconhecimento.

O Rei da Morte elogiou o Ātman para exaltar a sabedoria de Nachiketa. O Ātman é distinto do corpo, sentidos e mente; Seu Conhecimento dissolve o apego ao mundo e concede a Bem-Aventurança Suprema.

12. O sábio que, através da concentração no Ser, realiza Aquele antigo e resplandecente — difícil de ver, não manifesto, oculto, que habita no *buddhi* e repousa no corpo — esse, verdadeiramente, deixa para trás alegria e tristeza.

SÁBIO (*Dhira, palavra sânscrita no texto*): Alguém com serenidade interior, adquirida pela discriminação entre o Real e o irreal e pela renúncia ao irreal.
CONCENTRAÇÃO, ETC.: Só é possível quando a mente se retira dos objetos sensoriais.
OCULTO: O Ser está encoberto por formas ilusórias de conhecimento, causadas pelo contato da mente com objetos materiais.
BUDDHI: A faculdade determinativa da mente, livre de dúvidas, onde o *Ātman* Se reflete claramente.
CORPO: O *Ātman*, Consciência onipresente, habita o corpo físico, sujeito a doenças, velhice e morte — daí Sua aparente inescrutabilidade.
DEIXA PARA TRÁS, ETC.: O discípulo realiza o Ser puro, que transcende os pares de opostos do mundo relativo: prazer e dor, vida e morte, bem e mal. A alegria mundana surge do contato dos sentidos com objetos agradáveis, e a tristeza é seu oposto.

Além disso:

13. O mortal que ouviu isto e bem o compreendeu, que separou esse *Ātman* — a própria essência do *dharma* — de todos os objetos físicos e realizou a essência

sutil, regozija-se por ter alcançado a causa de todo regozijo. Creio que a Morada de Brahman está aberta para Nachiketa.

MORTAL: Somente o homem, entre os seres mortais, é capaz de atingir a Imortalidade ainda na Terra, através do Autoconhecimento. Seres inferiores e deuses, que apenas colhem os frutos de seu karma passado, não realizam ações que levem à Imortalidade.
OUVIU: De um mestre qualificado.
ISTO: O Conhecimento do Ser.
ESSÊNCIA DO DHARMA: Dharma denota o fundamento interno de todos os seres, sem o qual não podem existir nem evoluir. Aqui, é um epíteto de *Ātman*, base última de tudo.
OBJETOS FÍSICOS: Corpo, mente, sentidos e ego. A meditação no *Ātman* exige discriminação (*viveka*).
MORADA, ETC.: Yama está convencido de que Nachiketa é digno do Conhecimento e da Liberação.

Se era digno, disse Nachiketa, Yama deveria instruí-lo imediatamente sobre o Ser.

14. Nachiketa disse: Aquilo que vês além do justo e do injusto, além de toda causa e efeito, além do que foi e do que será — diga-me sobre Isso.

JUSTO E INJUSTO [*Dharma* e *Adharma*]: Aqui, *dharma* refere-se a ritos religiosos prescritos nas escrituras, seus frutos e requisitos. *Adharma* é seu oposto.
CAUSA E EFEITO: O universo relativo, sustentado pela lei de causalidade.
O QUE FOI E SERÁ: *Ātman* não está limitado pelo tempo.

Ātman está além de todas as experiências relativas, condicionadas por tempo, espaço e a lei da causa e efeito. Não é obtido como resultado de ritos ou ações.

Yama revela Brahman ou Ātman pelo símbolo OM.

15. Yama disse: A meta que todos os Vedas proclamam, que todas as austeridades almejam e que os homens desejam ao levar uma vida de continência — direi resumidamente: é Om.

VEDAS: A palavra aqui refere-se aos Upanishads, que contêm a essência da sabedoria védica.
ALMEJAM: O propósito das austeridades é a realização de Brahman.
VIDA DE CONTINÊNCIA: A referência é aos estudantes religiosos conhecidos como *brahmacharis*, que vivem com seu preceptor, observando os votos de continência e celibato e praticando outras disciplinas espirituais.
OM: Om é a palavra mais sagrada dos Vedas e pode ser comparada ao Verbo mencionado por São João no início do Quarto Evangelho: 'No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus, e o Verbo era Deus.' Segundo a filosofia hindu, todo este universo tem nome e forma (*nama-rupa*) como condições de sua manifestação. A forma é sua casca externa, da qual o nome ou ideia é a essência ou núcleo interno. O nome é inseparável de uma palavra ou som.

O universo percebido pelos cinco sentidos é a forma, por trás da qual está o eterno e inexprimível *Sphota*, o Verbo ou Logos. Este *Sphota* eterno, a matéria essencial e sem início de todas as ideias ou nomes, é o poder através do qual o Senhor cria o universo; mais ainda, o Senhor primeiro Se condiciona como *Sphota* por Sua própria *maya* e então evolui a Si mesmo como o universo mais concreto, percebido pelos sentidos. O símbolo do *Sphota* é Om, também escrito Aum. Como uma palavra é inseparável de sua ideia, Om e o eterno *Sphota* são inseparáveis. Portanto, o eterno Om é a mãe ou fonte de todos os nomes e formas e, assim, é a mais sagrada de todas as palavras sagradas. Pode haver outras palavras para denotar o eterno e inexprimível *Sphota*; mas os hindus afirmam que Om é uma palavra única e singularmente apropriada. O *Sphota* é a matéria ou fundamento de todos os sons ou palavras, que são inseparáveis de nomes ou ideias; ainda assim, não é nenhuma palavra definida e plenamente formada. Ou seja, se todas as peculiaridades que distinguem uma palavra da outra forem removidas, o que restará será o *Sphota*, ou Om. Por isso, Om é chamado de *Nada-Brahman*, o Brahman Sonoro. As três letras A, U e M, pronunciadas em conjunto como Om, são o símbolo generalizado de todos os sons possíveis. A é o som raiz, a chave, pronunciado sem que a língua toque qualquer parte do palato. É o menos diferenciado de todos os sons. Além disso, todos os sons articulados são produzidos no espaço entre a raiz da língua e os lábios: o som da garganta é A, e M é o último som. U representa o impulso que começa desde a raiz da língua até os lábios. Se pronunciado corretamente, Om representará toda a gama de produção de sons; e nenhuma outra palavra pode fazer isso. Portanto, Om é o símbolo mais adequado do *Sphota*, do Logos, do Verbo 'que estava no princípio'. Como o *Sphota*, sendo o aspecto mais sutil do universo manifestado, está mais próximo do Senhor e é, de fato, a primeira manifestação de Sua sabedoria divina, Om é o verdadeiro símbolo de Deus[3]. Ele é o símbolo tanto do Deus Pessoal (em Seus aspectos de Criador, Preservador e Destruidor) quanto da Realidade Impessoal. A, U e M representam, respectivamente, criação, preservação e destruição. Como dito acima, todos os sons articulados estão entre A e M. O som indiferenciado, semelhante a um gongo, que surge no final da pronúncia de Om, quando o som do M é prolongado, é o símbolo da Realidade Impessoal e Transcendental. Om é eternamente existente. Não foi inventado por nenhum homem, mas foi revelado a místicos de alma pura quando, em meditação, suas mentes comungaram com o Supremo.

Os *Upanishads* falam de Om como o símbolo mais eficaz de Brahman. Todos os buscadores da Verdade — meditando em Brahman com ou sem atributos — podem usar este símbolo.

Os resultados da meditação em Om são a obtenção de Brahmaloka ou da Liberação suprema, dependendo da intenção do buscador.

16. Esta sílaba Om é verdadeiramente Brahman. Esta sílaba é o Supremo. Quem conhece esta sílaba obtém tudo o que deseja.

BRAHMAN: Aqui, a palavra significa *Saguna* Brahman (Brahman associado à criação, preservação e destruição).

[3] Esta interpretação de Om é tirada do *Bhakti Yoga* de Swami Vivekananda.

O SUPREMO: Ou seja, o Absoluto sem atributos, a Consciência Pura.

O adorador de *Saguna* Brahman vai, após a morte, para *Brahmaloka*. Mas aquele que realizou o Absoluto funde-se n'Ele no momento da morte; ele não está mais sujeito à ilusão de nascimento e morte.

Além disso:

17. Este é o melhor suporte; este é o supremo suporte. Quem conhece este suporte é adorado no mundo de Brahmā.

MELHOR SUPORTE: Ou seja, Om é o melhor de todos os meios pelos quais se pode atingir a Consciência Pura.
SUPREMO SUPORTE: Porque Om conduz tanto à realização de Brahman com atributos quanto da Consciência Pura.

Om é o melhor meio para alcançar *Brahmaloka* e também para realizar a identidade com a Consciência Pura. O adorador de Om comunga apenas com Brahman, seja em Seu aspecto relativo ou absoluto. Aquele que realizou o verdadeiro significado de Om é adorado como o próprio Brahmā.

Após descrever o símbolo Om a Nachiketa, Yama prosseguiu explicando a verdadeira natureza de Ātman, que é idêntico a Brahman:

18. O Ser conhecedor não nasce; não morre. Não surgiu de nada; nada surgiu d'Ele. Não-nascido, eterno, imutável e antigo, Ele não é morto quando o corpo é morto.

SER CONHECEDOR: Ou seja, aquele que conhece *Ātman*. O conhecedor realiza-se como sendo o *Ātman*, que é Consciência Pura. Por ser autoexistente, qualquer mudança — como nascimento ou morte — é negada em relação ao conhecedor do Ser.
NÃO NASCE, ETC.: O que nasce não pode ser eterno, pois antes do nascimento não existia. Tal objeto passa por seis mudanças: nascimento, existência (relativa), crescimento, maturidade, declínio e morte. Todos os objetos materiais passam por essas mudanças. O *Ātman*, ou Consciência Pura, está livre do nascimento e da morte e, portanto, das outras mudanças também.
ANTIGO: Velho e, no entanto, novo, sendo imutável. O *Ātman* não foi criado; portanto, é inconcebivelmente antigo. Ao mesmo tempo, é sempre novo, embora não no sentido comum. Quando objetos diferentes são unidos de certa maneira, diz-se que uma nova coisa é criada: um novo móvel, por exemplo, quando pedaços de madeira são unidos de certa forma. O *Ātman*, no entanto, é não-composto; é uno e sem segundo, a única realidade. Nenhum objeto existia antes d'Ele para que, por sua combinação, Ele pudesse ter sido produzido. Portanto, é não-criado, antigo, primitivo e sempre novo.

Através do Autoconhecimento, alcança-se a Imortalidade aqui na Terra. O *Ātman*, o verdadeiro Ser do homem, é distinto do corpo, dos sentidos e da mente e é imortal. Yama responde aqui à dúvida dos agnósticos sobre a existência de Ātman após a morte.

Apenas aqueles que identificam o Ātman com o corpo falam em matá-Lo ou ser morto por Ele.

19. Se o matador pensa que mata e se o morto pensa que é morto, nenhum dos dois compreende corretamente. O Ser não mata, nem é morto.

COMPREENDE CORRETAMENTE: Ou seja, conhece seu verdadeiro Ser. Em ambos os casos, *Ātman* é identificado com o corpo por ignorância.

O agente do ato de matar é o ego (consciência do 'eu'), e o objeto é o corpo. O ego identificado com a mente, os sentidos e o corpo — conhecido como ser fenomênico — mata outro corpo. O verdadeiro Ser, a Consciência Pura, é a testemunha desapegada. Como *Ātman* não mata, Ele também não participa de nenhuma outra ação. A vida do mundo, caracterizada por virtude e vício, bem e mal, e tudo o mais, é considerada real apenas por quem se identifica com o corpo, e não pelo conhecedor do Ser.

A Natureza do Ātman:

20. O *Ātman*, mais sutil que o mais sutil, maior que o maior, está oculto no coração de todas as criaturas. O homem livre de desejos contempla a majestade do Ser através da tranquilidade dos sentidos e da mente e se liberta da tristeza.

MENOR, ETC: O *Ātman* é menor que um grão de cevada e maior que o vasto universo. É a essência mais íntima de todas as coisas existentes, grandes ou pequenas. Sem Ele, nada existiria. O *Ātman* é uno e não-dual, mas parece múltiplo devido à sua associação, através de *maya*, com diversas formas. Em Sua verdadeira natureza, o *Ātman* está além de todos os atributos.
CRIATURAS VIVAS: Desde Brahmā até uma folha de grama — todos os seres encarnados. O infinito *Ātman* é a essência de tudo.
LIVRE DE DESEJOS: Aquele que renunciou a todos os desejos por prazeres terrenos ou celestiais.
MAJESTADE: A grandeza única do Ser reside no fato de que Ele não se expande nem se contrai por Sua associação com *upadhis* [condicionamentos], sejam grandes ou pequenos. Ele não se torna sagrado por boas ações nem pecaminoso por más ações, pois Sua ligação com os *upadhis* é ilusória, não real. Ele permanece sempre como Consciência Pura imutável. No entanto, ações más criam barreiras que impedem o homem de contemplar o Ser, enquanto ações boas as removem.
TRANQUILIDADE DOS SENTIDOS E DA MENTE: A tranquilidade surge quando os sentidos são restringidos dos objetos sensórios e a mente se torna livre de desejos. Através dessa serenidade mental, obtém-se a visão do Ser.

Alguns comentaristas dualistas interpretam a palavra *dhatu-prasadat* ('tranquilidade dos sentidos e da mente') como 'pela graça (*prasada*) do Criador (*dhatu*)'. De fato, a graça divina só é sentida por quem é livre de desejos, calmo e puro.

O Ātman não pode ser conhecido pela pessoa não-iluminada e que está cheio de desejos mundanos.

21. Embora imóvel, Ele viaja longe; embora deitado, Ele vai a todos os lugares. Quem, senão Eu, pode conhecer esse *Ātman* luminoso que se alegra e não se alegra?

IMÓVEL, MAS VIAJA LONGE: Como Consciência Pura, o *Ātman* é imutável e sempre estático. No entanto, nos estados de vigília e sonho, Ele parece mover-se. Durante aqueles estados Ele parece estar quebrado em vários estados de consciência, devido a sua identificação, através de *maya* com as condições mutáveis da mente. Assim, diz-se que o *Ātman* 'se move', embora, na verdade, apenas a mente se move.
DEITADO, MAS VAI A TODOS OS LUGARES: Refere-se ao sono sem sonhos, quando a mente repousa imóvel. Nesse estado, todas as formas particulares de consciência se dissolvem, permanecendo apenas uma consciência indiferenciada. Não associado a nenhum objeto específico, o *Ātman* parece estar em toda parte. No sono sem sonhos, o *Ātman* permanece associado ao *upadhi* da mente inativa.
SENÃO EU: A verdadeira natureza do *Ātman* só pode ser conhecida por um sábio dotado do sutil poder de discriminação.
ALEGRA-SE ETC.: Quando identificado com os *upadhis* do corpo e da mente, o *Ātman* parece estar dotado de atributos contraditórios, como alegria e tristeza, unidade e multiplicidade, permanência e impermanência. Mas, na realidade, Ele está livre de todos os atributos. Estes são sobrepostos sobre Ele através de *maya*.

Ātman é frequentemente comparado a uma pedra preciosa mítica chamada *chintamani*, ou gema que reflete pensamentos, que mostra várias cores de acordo com as fantasias do observador. Como ela, o Ātman parece estar dotado de muitos atributos de acordo com as diferentes fantasias do homem. Portanto, Ele é incompreensível.

Através do Autoconhecimento, o homem vai além da tristeza.

22. O homem sábio, tendo realizado o *Ātman* como morador dentro de corpos impermanentes, mas Ele mesmo incorpóreo, vasto e onipresente, não se entristece.

TENDO REALIZADO ETC.: Isto é, tendo realizado o Ātman como uno com o Ser Supremo, ou Brahman.

O infinito *Ātman* habita em todos os corpos - grandes e pequenos, altos e baixos. A diferença observada entre uma criatura e outra é o resultado da diferença no grau de Sua

manifestação. Naturalmente, há uma maior manifestação do Ātman em um corpo e mente purificados através da disciplina espiritual do que naqueles que são grosseiros devido ao apego ao mundo. A mais plena manifestação do *Ātman* em um corpo e mente tornados absolutamente puros por meio de meditação e autocontrole é o objetivo da vida espiritual.

Embora difícil de compreender, o Ātman pode ser realizado pelos meios adequados.

23. Este *Ātman* não pode ser alcançado pelo estudo dos Vedas, ou pela inteligência, ou por muito ouvir livros sagrados. Ele é alcançado apenas por aquele a quem Ele escolhe. A este, o *Ātman* revela Sua própria forma.

INTELIGÊNCIA: O poder mental pelo qual o homem compreende e retém o significado dos livros que estudou.
ELE ESCOLHE: Segundo intérpretes dualistas, as palavras significam: 'a quem o Senhor Supremo escolhe.' Obviamente, isso enfatiza a graça divina. Mas, de acordo com o não-dualista Shankara, é o eu inferior, ou seja, o eu fenomênico, que busca e adora o Ser Supremo, Brahman. No entanto, não há verdadeira contradição entre as duas interpretações. Tanto o esforço próprio quanto a graça divina são necessários para a realização de *Ātman*. Através do esforço próprio, o buscador remove obstáculos e prepara o terreno; em seguida, ocorre a revelação espontânea de *Ātman*. O esforço próprio é comparado ao vento que remove a nuvem. Quando a nuvem é removida, o sol resplandecente, por si mesmo, revela seu próprio esplendor.

O *Upanishad* faz aqui uma afirmação muito ousada. Um aspirante não pode realizar o Ser apenas pelo estudo das escrituras. A graça do Senhor Supremo, que habita no coração como o Ser, ou *Ātman*, é necessária. É este Senhor que ele busca realizar como uno consigo mesmo através do estudo, discriminação e meditação. Satisfeito com sua devoção, o Senhor manifesta ao buscador Sua Forma Espiritual. Em outras palavras, o *Ātman*, que é o próprio Ser do buscador, revela Sua verdadeira natureza a ele, estando satisfeito com sua sinceridade e devoção. Enquanto o homem permanecer egocêntrico e desejar conhecer *Ātman* por meios externos, como conhecimento escritural ou erudição, ele falhará em sua busca. Quando todas as disciplinas externas se mostram inadequadas, o buscador sincero percebe a futilidade do ego e desenvolve a autoentrega, o que possibilita a vinda da graça divina, resultando na realização da Verdade. Mas o esforço próprio não é inútil; sem ele, o buscador não reconheceria a Verdade quando se revelasse a ele.

Obstáculos à Autorrealização:

24. Aquele que primeiro não se afastou da maldade, que não está tranquilo e controlado, e cuja mente não está em paz, não pode atingir o *Ātman*. Ele é realizado apenas através do Conhecimento da Realidade.

CONTROLADO: Desenvolve-se o poder de concentração ao dominar os sentidos.

NÃO EM PAZ: Um homem pode ser capaz de concentração, mas ainda assim estar distraído pelo desejo pelo fruto [resultados] de sua disciplina espiritual. No estágio final, o buscador renuncia a todos os desejos por frutos, incluindo o desejo pelo Conhecimento e pela Liberação. Ele permanece absorvido em comunhão com o *Ātman*. Todos os desejos, por mais elevados ou espirituais que sejam, perturbam a serenidade da mente.

O significado é que apenas aquele que se absteve de conduta má e controlou os desejos dos sentidos, que retirou sua mente do mundo externo e não a perturba mais buscando até mesmo o fruto de sua meditação, atinge o Autoconhecimento com a ajuda de um preceptor qualificado.

Como alguém desprovido de disciplina espiritual pode esperar conhecer as verdadeiras glórias de Ātman?

25. Quem, então, sabe onde Ele está — Aquele para quem *brâmanes* e *kshatriyas* são meros alimentos, e a própria morte um condimento?

QUEM, ENTÃO, SABE...: Um homem comum, com sua mente mundana, não pode conhecer a verdadeira natureza de *Ātman*.
BRÂMANES E KSHATRIYAS: Constituem as duas castas superiores da sociedade indo-ariana. O *brâmane* é o mestre da cultura espiritual, e o *kshatriya*, ou guerreiro, militar, seu protetor.
MORTE: A destruidora de tudo.

Tal é a glória do *Ātman* que os poderosos *brâmanes* e *kshatriyas* e a própria morte são apenas Seus alimentos. Em *Ātman*, tudo desaparece; por Ele, até a morte é engolida.

Aqui termina o Capítulo Dois
da Primeira Parte do
Katha Upanishad.

CAPÍTULO III

1. EXISTEM DOIS que moram dentro do corpo, no *buddhi*, o supremo *akasha* do coração, desfrutando os certos frutos de suas próprias ações. Os conhecedores de Brahman os descrevem como luz e sombra, assim como fazem aqueles chefes de família que ofereceram oblações nos Cinco Fogos e também aqueles que realizaram três vezes o sacrifício Nachiketa.

DOIS: O *jivatma*, ou alma individual, e o *Paramatma*, ou Ser Supremo.
MORAM DENTRO ETC: Os místicos da Vedanta fazem do *buddhi*, ou intelecto, associado ao coração, a morada tanto da alma individual quanto do Ser Supremo. Dentro do coração há um espaço descrito por eles como o *Brahmapuram*, a Morada de Brahman. Um dos métodos de meditação é contemplar Brahman no coração. Durante o primeiro estágio, o aspirante contempla Brahman como o espaço luminoso dentro do coração, que tem a forma de um botão de lótus. Em seguida, ele contempla Brahman como refletido no *buddhi*, ou intelecto. Por fim, ele realiza sua própria consciência mais íntima como una com a Consciência Cósmica.
SUPREMO AKASHA: Os místicos da Vedanta falam do *akasha* dentro do coração como um espaço luminoso infinitamente mais puro que o *akasha* externo.
DESFRUTANDO: Embora tanto a alma individual quanto o Ser Supremo sejam descritos no texto como desfrutando dos frutos da ação, na realidade é a alma individual que o faz. Pessoas não iluminadas, no entanto, pensam que o Ser Supremo desfruta dos frutos. Os dois vivem como companheiros inseparáveis. A afirmação no texto deve ser tomada em sentido figurado. O Ser Supremo é a Testemunha desapegada das atividades da alma individual.
FRUTOS CERTOS: Uma ação é inevitavelmente seguida por seu fruto.
LUZ E SOMBRA: As duas almas são dotadas de atributos totalmente diferentes. Uma está enredada no mundo e a outra é livre.
CINCO FOGOS: Todo chefe de família pertencente às três castas superiores era obrigado, nos tempos védicos, a oferecer oblações diárias nos cinco tipos de fogo sacrificial. Ou as palavras podem se referir aos Cinco Fogos descritos no *Chhandogya Upanishad* (V. 4-8).

Na seção anterior, Conhecimento e ignorância foram descritos de maneira geral como levando a resultados contrários. Nesta seção, cada um deles será especificamente descrito, junto com seus resultados.

O conhecimento tanto de Saguna Brahman quanto do Brahman Supremo deve ser cultivado.

2. Nós sabemos como realizar o sacrifício Nachiketa, que é a ponte para os sacrificadores; e sabemos também aquele supremo, imperecível Brahman, que é buscado por aqueles que desejam atravessar para a margem onde não há medo.

PONTE: O realizador do sacrifício Nachiketa, como recompensa, transcende o sofrimento da vida mortal na terra e desfruta de intensa felicidade em *Brahmaloka*.
SEM MEDO: Brahman é não-dual e, portanto, livre do medo. Onde quer que haja dualidade, há medo.

Há dois aspectos de Brahman: *Nirguna*, ou o Absoluto sem atributos, e *Saguna*, ou Brahman dotado de atributos. Este último também é chamado *Karya* Brahman, ou Brahman manifestado como o universo. Embora seja irreal do ponto de vista do Absoluto sem atributos, ainda assim é real para aqueles que estão sujeitos a *maya*. *Saguna* Brahman é imanente no universo e ao mesmo tempo é seu epítome. Aqueles que adoram *Saguna* Brahman vão, após a morte, para *Brahmaloka* e se tornam oniscientes, como *Saguna* Brahman. Os Upanishads admitem a realidade empírica do universo e exortam os homens a cultivar o

conhecimento dele através da realização de *Saguna* Brahman. O *Mundaka Upanishad* ensina que tanto o conhecimento inferior (ou seja, o conhecimento de Brahman manifestado) quanto o Conhecimento Superior (ou seja, o Conhecimento do Absoluto sem atributos) devem ser cultivados. Ambos são necessários para a estabilidade da sociedade humana. O conhecimento que se limita ao universo físico é incompleto e inadequado. Novamente, o Conhecimento do Absoluto não é possível sem o conhecimento do relativo. Ambos são necessários para a compreensão da Verdade totalmente abrangente. Sobre a fundação de um verdadeiro conhecimento do universo, uma superestrutura duradoura de espiritualidade pode ser erguida.

A alma encarnada, identificada com o mundo através da ignorância, pode ou realizar ações para o cumprimento de desejos ou cultivar Conhecimento para a obtenção da Liberdade. Se seguir o primeiro curso, ela viaja para cima e para baixo em samsara, o universo em constante mudança de nomes e formas caracterizado pelos pares de opostos. Mas se cultivar Conhecimento, ela se torna livre. Ambos esses cursos são descritos pela ilustração de uma carruagem.

3. Saiba que o *ātman* é o mestre da carruagem; o corpo, a carruagem; o *buddhi*, o cocheiro; e a mente, as rédeas.

O ĀTMAN: Aqui a palavra não significa Consciência Pura, que não está relacionada ao corpo ou a qualquer objeto material. Significa o *jiva*, ou ser vivo, que, embora idêntico à Consciência Pura, aparece, através de *maya*, como a alma encarnada, sujeita a nascimento e morte, fome e sede, e o resto. Ao contrário da Consciência Pura, o *jiva* é o experimentador dos resultados da ação.
O CORPO ETC: O corpo é comparado a uma carruagem porque é movido para cá e para lá pelos órgãos dos sentidos, que são comparados a cavalos.
O BUDDHI ETC: A palavra *buddhi* denota a faculdade discriminativa. Os psicólogos hindus dividiram os órgãos dos sentidos em dois grupos: os externos e os internos. O primeiro grupo consiste nos órgãos de ação e nos órgãos de percepção. Os órgãos de ação são as mãos, os pés, a língua e os órgãos de procriação e evacuação. Os órgãos de percepção são os olhos, os ouvidos, o nariz, a pele e a língua. O órgão interno é conhecido por quatro nomes de acordo com suas diferentes funções: *manas*, ou mente, caracterizado por dúvida e volição; o *buddhi*, ou intelecto, dotado do poder de discriminação e determinação; o *chitta*, ou substância mental, que é o depósito de impressões passadas; e o *aham*, ou ego, caracterizado pela consciência do eu. Um homem depende principalmente para sua ação do *buddhi*, que determina o que ele deve fazer e o que deve evitar.
A MENTE ETC: Através da mente, o *buddhi* direciona os sentidos para seus respectivos objetos, como o cocheiro guia os cavalos pelo caminho certo por meio de rédeas.

4. Os sentidos, dizem, são os cavalos; os objetos, as estradas. Os sábios chamam o *ātman* — unido ao corpo, aos sentidos e à mente — o que desfruta.

OS SENTIDOS, ETC: Os cinco órgãos de percepção e os cinco órgãos de ação são comparados a cavalos porque conduzem o corpo para cá e para lá.
OS OBJETOS, ETC: Os diferentes objetos — incluindo forma, tato, olfato, paladar e som — são as estradas percorridas pelos sentidos.
O ĀTMAN ETC: A palavra *ātman* aqui significa a alma individual. O Ser Supremo, ou Consciência Pura, não pode ser o que desfruta de nenhuma experiência relativa. Sob a influência de *maya*, o Ser Supremo aparece como a alma individual dotada de mente, *buddhi* e outros órgãos. É ela que experimenta os diversos objetos no universo relativo. Por meio das disciplinas espirituais que serão descritas, a alma individual abandona essas falsas superposições e realiza sua verdadeira natureza. O *jiva* e Brahman não podem, na realidade, ser duas entidades diferentes; pois, nesse caso, o *jiva* jamais poderia se tornar Brahman. É impossível para uma entidade descartar completamente sua própria natureza e se tornar algo totalmente diferente. Se agência, ação e desfrutar dos resultados são características essenciais da alma, então ela nunca pode ser Brahman, que é completamente livre delas. Como uma miragem no deserto, a condição de *jiva* é falsamente superposta a Brahman.

O resultado prejudicial de um intelecto não discriminativo e uma mente descontrolada:

5. Se o *buddhi*, estando associado a uma mente sempre distraída, perde sua discriminação [discernimento], então os sentidos se tornam descontrolados, como os cavalos viciosos de um cocheiro.

UMA MENTE ETC: Uma mente distraída é como rédeas não firmemente seguras pelo cocheiro.
PERDE ETC: Ou seja, não consegue determinar o que é bom e o que é mal, como um cocheiro inexperiente que não sabe qual caminho deve ser seguido e qual deve ser evitado.
SENTIDOS: A tendência natural de um cavalo é correr desenfreadamente; mas ele pode ser treinado e controlado pelo cocheiro por meio de rédeas firmemente seguras em suas mãos. Os sentidos também são naturalmente impetuosos; mas podem ser treinados e controlados pelo *buddhi* discriminativo através de uma mente concentrada.

O bom resultado de um intelecto discriminativo e uma mente bem controlada:

6. Mas se o *buddhi*, estando associado a uma mente sempre controlada, possui discriminação, então os sentidos ficam sob controle, como os bons cavalos de um cocheiro.

Um aspirante espiritual que, através do controle da mente, é capaz de distinguir entre o bem e o mal pode usar seus órgãos sensoriais a seu favor e, por fim, realizar o objetivo. Para ele, os órgãos dos sentidos não oferecem nenhum obstáculo.

O mal que decorre da falta de autocontrole:

7. Se o *buddhi*, estando associado a uma mente distraída, perde sua discriminação e, portanto, permanece sempre impuro, então a alma encarnada nunca atinge o objetivo, mas entra no ciclo de nascimentos.

IMPURO: Um homem sem discriminação e serenidade interior fica sob o domínio de seus sentidos. Quando os sentidos permanecem sem controle, o homem comete pecado, que, por sua vez, polui a mente.
CICLO DE NASCIMENTOS: Ou seja, a vida de *samsara*.

O bom resultado do autocontrole:

8. Mas se o *buddhi*, estando associado a uma mente controlada, possui discriminação e, portanto, permanece sempre puro, então a alma encarnada atinge aquele objetivo a partir do qual não nasce novamente.

Aquele que realizou Brahman não nasce novamente no mundo da ignorância. Tendo percebido a ilusão do tempo, do espaço e da causalidade, ele não volta a ficar sob seu domínio. Mas isso não significa, de forma alguma, que tal pessoa deixe de existir. Pelo contrário, ele se torna um com Brahman, a Existência Absoluta. Tudo o que pode ser dito dele é que está livre da ignorância e da ilusão. Ele desperta do sonho da individualidade ilusória.

Qual é o objetivo?

9. Um homem que tem a discriminação [discernimento] como cocheiro e segura firmemente as rédeas da mente alcança o fim da estrada; e essa é a suprema posição de Vishnu.

ALCANÇA ETC: O objetivo do nascimento humano é conquistado por aquele que controlou sua mente e discriminou entre o Ser e o não-Ser, e que contempla o *Ātman*. Puro de coração e livre de todos os obstáculos, ele obtém uma visão ininterrupta de Brahman; ele não é iludido pela vida de ignorância no mundo de nomes e formas.
VISHNU: Ou seja, Brahman, que é a Consciência onipresente.
Ele também é chamado *Vāsudeva*, porque todos os seres criados habitam nessa Realidade autoluminosa.

Os versos três a nove descrevem o significado do autocontrole e os meios para sua realização. Um aspirante em busca espiritual é dotado de corpo, faculdade discriminativa, mente e sentidos. Ele está cercado por diversos objetos. Identificado com o corpo e a mente, ele nutre desejos, engaja-se em muitas ações e experimenta seus resultados. Assim, repetidamente, ele assume um corpo no mundo relativo. Mas, com o tempo, ele busca libertação do nascimento, da morte e do sofrimento da vida. Ele então pratica disciplinas espirituais, das quais a mais importante é o autocontrole. Contudo, esse controle não significa mortificação do corpo, dos sentidos ou de qualquer outra faculdade. Todos esses elementos

são necessários para que o homem atinja seu objetivo; mas devem ser devidamente treinados e controlados. Isso é descrito de forma vívida pela analogia da carruagem, que só pode levar seu condutor ao destino quando está bem construída, quando o cocheiro conhece o caminho, quando as rédeas são firmes, os cavalos bem dominados e as estradas bem escolhidas. O aspirante à Liberdade deve possuir um corpo saudável e órgãos vigorosos, discriminação resoluta e uma mente concentrada. Sua discriminação deve guiar seus sentidos a experienciar apenas os objetos que auxiliam no Autoconhecimento. Se, ao contrário, seu corpo, mente ou qualquer outra faculdade for prejudicada ou suprimida, ele não pode atingir o objetivo — assim como um cavaleiro não alcança seu destino se a carruagem e seus acessórios não estiverem em condições adequadas. O *Katha Upanishad* aqui enfatiza a discriminação e a serenidade interior como os dois elementos mais importantes na prática do autocontrole.

O objetivo descrito nos versos anteriores está em alguma região externa e remota, alcançável por um caminho específico? Segundo a Vedanta, o objetivo reside dentro do próprio homem. Ele não está no céu nem em qualquer outro lugar no espaço. É o Ser mais íntimo do homem, que permanece oculto devido à sua ignorância. Quando a ignorância é dissipada, ele conhece esse Ser. Nos versos seguintes, o Ser (Ātman) é apontado como uma essência sutilíssima, distinguindo-O dos sentidos, da mente e de todos os outros elementos materiais.

10. -11. Além dos sentidos estão os objetos; além dos objetos está a mente; além da mente, o intelecto; além do intelecto, o Grande *Ātman*; além do Grande *Ātman*, o Não-Manifesto; além do Não-Manifesto, o *Purusha*. Além do *Purusha* não há nada: este é o fim, a Suprema Meta.

[Um conhecimento rudimentar da cosmologia e psicologia da Vedanta é necessário para entender o texto. A primeira manifestação do Brahman Puro, devido à Sua associação com *ajnana*, é chamada de Não-Manifesto. Este último pode ser comparado a uma semente logo antes do surgimento do broto. A primeira entidade a emergir do Não-Manifesto é *Hiranyagarbha*, também conhecido por outros epítetos como *Brahmā* (a Alma do Mundo, ou a Mente Cósmica) e *Prana* (a Vida Cósmica). Novamente, do Brahman associado com *ajnana* evoluem os cinco elementos, a saber, *akasa* (espaço), *vayu* (ar), *agni* (fogo), *ap* (água), e *prithivi* (terra). À medida que evoluem, permanecem em um estado sutil e não combinado, dotados respectivamente com seus atributos únicos, a saber, som, tato, forma, sabor e odor. O som é o atributo de *akasa*; o tato, de *vayu*; a forma, de *agni*; e assim por diante. Dos elementos sutis evoluem os corpos sutis dos seres vivos e os elementos grosseiros. O corpo sutil consiste nos cinco órgãos de percepção, o intelecto, a mente, os cinco órgãos de ação e os cinco *pranas*. Os órgãos de percepção são os ouvidos, a pele, os olhos, a língua e o nariz. Eles são produzidos, respectivamente, das partículas *sattva* do espaço, ar, fogo, água e terra. (*Maya*, que é a causa material, ou *upadanakarana*, do universo, consiste nos três *gunas*, a saber, *sattva*, *rajas* e *tamas*. Esses *gunas* estão presentes em todos os produtos de *maya*, ou natureza. Portanto, cada um dos cinco elementos os contém.) Assim, o órgão da audição é produzido das partículas *sattva* de *akasa*; o órgão do tato, das partículas *sattva* de *vayu*; e assim por diante. A mente, o *buddhi*, o *chitta* e o *ahamkara* são produzidos das partículas *sattva* combinadas dos cinco elementos sutis. O órgão interno (*antahkarana*) é chamado de *manas* (mente) quando considera os prós e contras de um assunto. É chamado de *buddhi* (intelecto) quando chega a uma decisão. O *chitta*

(substância mental ou memória) é aquele aspecto do órgão interno que lembra. O *ahamkara* (egotismo) é caracterizado pela consciência do eu. Os cinco órgãos de ação (o órgão da fala, as mãos, os pés e os órgãos de evacuação e geração) são produzidos, respectivamente, das partículas *rajas* do espaço, ar, fogo, água e terra. Os cinco *pranas* (*prana*, *apana*, *vyana*, *udana* e *samana*) são produzidos das partículas *rajas* combinadas dos cinco elementos sutis. Posteriormente, os elementos sutis combinam-se uns com os outros e produzem os cinco elementos grosseiros, a saber, espaço visível, ar, fogo, água e terra. Sejam grosseiros ou sutis, esses apenas cinco elementos são encontrados na natureza. Nada mais pode ser apreendido pelos cinco órgãos dos sentidos do homem. Dos cinco elementos grosseiros evolui o universo físico grosseiro, os corpos grosseiros dos seres vivos e os alimentos e bebidas pelos quais os corpos grosseiros são sustentados. (Para uma descrição detalhada da cosmologia, o leitor é referido a qualquer tratado de Vedanta autorizado, como *Vedantasara* ou *Panchadasi*.) Pode-se afirmar aqui que o propósito da cosmologia da Vedanta é explicar o universo e sua origem de tal maneira que possa estabelecer a única realidade de Brahman, além da qual o universo é irrelevante, seja do ponto de vista da realidade, seja do ponto de vista do valor último. Na mais profunda experiência espiritual, o universo material é considerado inexistente. Para os filósofos vedânticos, é muito mais importante realizar Brahman do que analisar ou entender o universo. A interpretação do mundo fenomenal não deve levar a uma negação de Brahman. O conhecimento do mundo deve levar ao Conhecimento de Brahman; caso contrário, tal conhecimento não tem significado. O verdadeiro propósito da cosmologia vedântica é ajudar o estudante a realizar Brahman, e não meramente explicar o universo de nomes e formas.)]

ALÉM: A palavra no texto é '*para*' que Sankaracharya explica como mais sutil, maior e mais interior. Assim, os objetos são mais sutis, maiores e mais internos que os sentidos. Eles são a essência interior dos sentidos.
SENTIDOS: Os órgãos grosseiros de percepção e ação.
OBJETOS: A palavra aqui significa os elementos sutis rudimentares. Eles estão além dos sentidos, ou superiores e mais sutis que os sentidos, porque os sentidos são produzidos a partir deles. Embora os cinco objetos (elementos) existam independentemente dos sentidos, sua existência não pode ser percebida sem os sentidos. Portanto, como Sankaracharya diz em seu comentário, os objetos criam os sentidos para que eles (os objetos) possam ser apreendidos.
A MENTE: A mente é superior aos objetos porque eles estão sob o controle da mente. Ela é a essência interior dos objetos. A mente é uma forma sutil de matéria.
INTELECTO: O intelecto, ou *buddhi*, é superior à mente porque ele chega a uma conclusão sobre as dúvidas levantadas pela mente.
GRANDE ĀTMAN: *Hiranyagarbha*, ou a primeira manifestação tangível do Absoluto no universo relativo.
NÃO-MANIFESTO: Ou seja, Brahman, ou o Absoluto, associado com *ajnana* não diferenciado. O Absoluto em Si está além das relações causais. O Não-Manifesto é a causa última de todas as causas e efeitos percebidos no universo material. Nomes e formas residem nele de maneira potencial. Como já afirmado, o Não-Manifesto pode ser comparado a uma semente pronta para brotar. Por isso, é chamado de semente da criação. *Prakriti*, *maya*, o Não-Manifesto e *Avyakta* (o Não-Expressado) são termos sinônimos.
PURUSHA: O Espírito que preenche tudo ou que habita no corpo. É o Absoluto, Brahman, a Suprema Meta, descrito como Consciência Pura desprovida de todos os atributos.

O FIM: Todos os objetos, sutis ou grosseiros, são finalmente absorvidos no Absoluto. As diferentes entidades descritas no texto em um grau ascendente de sutileza mergulham por fim em Brahman, a Realidade subjacente a todas as coisas.
SUPREMA META: A realização de Brahman é o objetivo final da evolução. Aquele que a atinge nunca mais retorna ao mundo da relatividade.

Conhecer o Ātman verdadeiramente significa alcançar o Ātman. Que esse Ātman não deve ser confundido com os sentidos, a mente, o intelecto e o resto, foi mostrado no verso anterior. Se este Ātman, ou Brahman, existisse externamente, no espaço, um homem poderia perdê-Lo novamente após tê-Lo alcançado. Mas, como já afirmado, Ele é a essência mais íntima do ser humano, que permanece oculta apenas devido à ignorância. O Conhecimento destrói essa ignorância e revela o Ser.

12. Aquele Ser oculto em todos os seres não resplandece; mas Ele é visto por sábios sutis através de seus intelectos unidirecionados e sutis.

OCULTO: Os vedantistas dão a ilustração do sol, que, embora seja uma esfera de fogo e muitas vezes maior que a terra, pode ser ocultado por um pequeno pedaço de nuvem — seu esplendor, mesmo assim, permanece inalterado.
TODOS OS SERES: O mesmo Ser divino, ou Consciência Pura, habita em todos os seres. É o corpo, criado pela ignorância, que explica a diversidade observada no universo.
NÃO RESPLANDECE ETC: O Ser é desconhecido para a mente impura. É por isso que uma pessoa ignorante se identifica com o corpo, os sentidos e outros objetos materiais.
SÁBIOS SUTIS: Aqueles que são capazes de ver os diferentes graus de sutileza nos vários objetos materiais descritos nos dois versos anteriores e de distingui-los do *Ātman*, que é o mais sutil de tudo.
UNIDIRECIONADOS: A mente torna-se unidirecionada através da prática da concentração e do autocontrole.
INTELECTOS SUTIS: O intelecto torna-se capaz de percepção espiritual sutil por meio da meditação constante na identidade entre Brahman e *Ātman*.

"Todo ser vivo é, em realidade, o Supremo Brahman. Mas, apesar de o homem ser assim instruído, ele não compreende a verdade de que ele é o Ser Supremo. Pelo contrário, sem qualquer instrução, ele diz a si mesmo: 'Eu sou o filho de tal e tal pessoa', e confunde com o *Ātman* o agregado do corpo, dos sentidos e da mente, que é realmente o não-Ser e é percebido como um objeto pelo Ser, como qualquer outro objeto, como um pote ou uma jarra. Ai, quão profunda, insondável e inescrutável é esta divina *maya*! 'Velados por Minha *maya* nascida dos *gunas*, Eu não Me revelo a todos. Este mundo iludido não Me conhece como o não-nascido e eterno.' (*Bhagavad Gita* VII. 25)." — Sankaracharya

O método de absorção em Brahman é o inverso do processo de manifestação.

13. O sábio deve fundir sua fala em sua mente, e sua mente em seu intelecto. Ele deve fundir seu intelecto na Mente Cósmica, e a Mente Cósmica no Ser Tranquilo.

DEVE FUNDIR ETC: A referência é à prática do *yoga*. As atividades dos sentidos devem ser interrompidas e a atenção direcionada à mente. Então, a mente deve ser conduzida ao *buddhi*, ou faculdade discriminativa. Em seguida, o aspirante deve mergulhar o *buddhi* na Mente Cósmica, ou *Hiranyagarbha*. Em outras palavras, ele deve tornar sua mente tão pura quanto a Mente Cósmica, que está livre de todas as noções de individualidade separada. Por fim, o fino véu da Mente Cósmica deve ser rompido, e o buscador deve fundir-se no Absoluto, que é calmo devido à completa ausência de qualquer distinção ou diferença, seja em relação aos outros ou dentro de Si mesmo.
FALA: Representa todos os órgãos dos sentidos.
INTELECTO: O *buddhi* reflete o brilho do *Ātman* mais do que a mente, ou *manas*.
FUNDIR SEU INTELECTO ETC: O intelecto é o *upadhi*, ou condicionante limitador, do *jiva*, ou alma individual: ou seja, o *Ātman*, quando condicionado pelo *buddhi*, aparece como a alma individual. Nesta fase da disciplina, a alma perde sua individualidade na Alma Cósmica e torna-se uma com ela. *Hiranyagarbha* está associado ao *upadhi* do corpo e da mente cósmicos.
SER TRANQUILO: O Ser imutável e mais íntimo de todos, que está livre de atributos e é a Testemunha inalterada das mudanças que ocorrem no corpo e na mente.

Como uma mãe benevolente, a Upanishad exorta todos a cultivarem o Autoconhecimento, porque somente ele conduz à Paz e à Bem-aventurança.

14. Levanta-te! Desperta! Aproxima-te dos grandes e aprende. Como o fio afiado de uma navalha é esse caminho, assim dizem os sábios — difícil de trilhar e árduo de atravessar.

LEVANTA-TE: Isto é, do sono da ignorância, que conjura sonhos de objetos mundanos e é o berço de toda miséria.
OS GRANDES: Mestres iluminados.
APRENDE: O conhecimento da identidade com Brahman.
ESSE CAMINHO: O caminho do conhecimento e da discriminação, que conduz a Brahman.

Um viajante confuso no deserto vê uma miragem e corre em direção à água, esperando em vão saciar sua sede. Um homem na escuridão confunde uma corda com uma cobra e treme de medo infundado. Mas quando a verdadeira natureza do deserto e da corda é revelada por um sábio, aqueles que estavam iludidos não sofrem mais com falsas expectativas e temores. Eles recuperam a paz da mente. Da mesma forma, um homem iludido, que associa o *Ātman* a nome, forma e ação e, por ignorância, O considera como o agente, o instrumento e aquele que desfruta dos frutos da ação, submete-se a falsas expectativas e falsos temores e experimenta misérias sem fim. Mas quando, através da instrução de um preceptor iluminado, ele alcança o Conhecimento do Ser, liberta-se da ignorância, percebe a natureza ilusória dos múltiplos objetos e desfruta de paz. O caminho

para o Autoconhecimento é extremamente difícil. O aspirante é instruído a praticar a disciplina da discriminação, seguindo o ensinamento de um mestre.

15. Tendo realizado o *Ātman*, que é sem som, intangível, sem forma, imperecível, e igualmente sem sabor, eterno e inodoro; tendo realizado Aquilo que é sem começo e fim, além do Grande e imutável — se é libertado das garras da morte.

SEM SOM ETC: Os atributos de som, tato, forma, sabor e odor estão relacionados aos sentidos. Eles são propriedades da matéria. Mas o *Ātman*, sendo Consciência Pura, é totalmente diferente da matéria e, portanto, desprovido de atributos materiais.
SEM COMEÇO: Aquilo que é produzido por uma causa tem um começo e, portanto, não é eterno. O *Ātman* transcende a causalidade e é o fundamento último de tudo. Ele é a essência onipresente de todas as coisas. Por isso, é sem começo.
O GRANDE: A Mente Cósmica (*Hiranyagarbha*). Ela também está sujeita à mudança.
LIBERTADO ETC: Isto é, ele alcança a Imortalidade. O Conhecimento do *Ātman* é a Imortalidade: o conhecedor torna-se o *Ātman*. A ignorância do *Ātman* é a morte, pois a ignorância produz desejo, e o desejo impulsiona à ação. Um homem nasce repetidamente no mundo relativo para colher os frutos de suas ações. Ele passa pelo ciclo de nascimentos e mortes enquanto nutre desejos, realiza ações e almeja seus resultados. Ele continua assim enquanto permanece ignorante de sua verdadeira natureza. Mas quando ele se realiza como o infinito *Ātman*, a encarnação da Paz e da Bem-aventurança, então se liberta da ignorância, do desejo e da ação e é emancipado da morte.

16. O sábio que ouviu e relatou a eterna história de Nachiketa, contada pela Morte, é adorado no mundo de Brahman.

RELAÇÃO: A discípulos qualificados.
OUVIU: De um preceptor competente.
HISTÓRIA ETERNA: É assim porque os Vedas são eternos. A Upanishad faz parte dos Vedas.
ADORADO ETC: Isto é, ele se torna dotado das infinitas glórias de Brahman.

É um costume dos sábios védicos encerrar seus ensinamentos exaltando os resultados, a fim de chamar a atenção dos alunos para eles.

17. E aquele que, praticando autocontrole, recita o supremo segredo em uma assembleia de brâmanes ou em uma cerimônia de *sraddha*, obtém com isso recompensas infinitas. Sim, ele obtém recompensas infinitas.

RECITA: Isto é, recita o texto e também explica seu significado.
SUPREMO SEGREDO: A história trata do *Ātman*, que permanece um profundo segredo para os não iluminados.

SRADDHA: A cerimônia fúnebre dos hindus, na qual alimentos e bebidas são oferecidos para a gratificação das almas dos falecidos. É bastante apropriado que o *Katha Upanishad*, descrevendo a imortalidade e a divindade da alma, seja recitada e explicada em uma ocasião como essa.

Aqui termina o Capítulo Três
da Primeira Parte da
Katha Upanishad.

PARTE DOIS

CAPÍTULO I

1. YAMA DISSE: O Senhor Supremo autoexistente infligiu um dano aos órgãos dos sentidos ao criá-los com tendências de ir ao externo; portanto, um homem percebe apenas objetos externos com eles, e não o Ser interior. Mas uma pessoa calma, desejando a Imortalidade, contempla o Ser interior com os olhos fechados.

O AUTOEXISTENTE ETC: O Senhor, que é uno e sem um segundo, é sempre independente de tudo. Ele não presta contas a ninguém por Suas ações.
INFLIGIU ETC: A experiência de objetos externos, e não do Ser mais íntimo, pelos órgãos dos sentidos é uma espécie de dano causado a eles pelo próprio Senhor quando Ele os criou e os dirigiu para fora. A palavra no texto também pode significar 'matou'. Enquanto os órgãos dos sentidos experienciam objetos externos, eles são privados do Conhecimento do Senhor. Isso pode ser considerado uma espécie de morte para eles. Pessoas com desejos mundanos nem mesmo buscam o Conhecimento do Senhor e, assim, caem vítimas da morte sempre recorrente.
IMORTALIDADE: A imortalidade ou eternidade, é a própria natureza de *Ātman*.
SER INTERIOR: Etimologicamente, a palavra *Ātman* significa o Espírito Interior que permeia e absorve tudo, que experiencia tudo e cuja realidade permanece ininterrupta para sempre.

COM OS OLHOS ETC: Ou seja, ao desviar os sentidos dos objetos externos. Os olhos aqui representam todos os órgãos dos sentidos. Não é possível para um homem experienciar ao mesmo tempo tanto o mundo externo quanto o Ser mais íntimo. A disciplina do autocontrole, pela qual ele realiza o Ser mais íntimo, pode ser comparada ao retorno do curso descendente de um rio veloz.

Foi afirmado na seção anterior que o Ser, oculto em todos os seres, não se manifesta e é visto apenas através da mente unidirecionada de um sábio iluminado. Qual é o obstáculo ao Autoconhecimento? Se a natureza e a causa do obstáculo forem conhecidas, pode-se então tentar removê-lo.

A tendência natural do homem de se fixar em objetos externos, que são diferentes do Ser, é um obstáculo no caminho da autorrealização. Isso é chamado de avidya, ou ignorância. Outro obstáculo causado pela ignorância do Ser é o anseio por desfrutar de prazeres materiais aqui na terra e no céu após a morte. Ignorância e desejos são, então, os dois principais obstáculos ao Autoconhecimento.

2. Crianças buscam prazeres externos e caem na rede da morte generalizada; mas almas calmas, tendo conhecido o que é a Imortalidade inabalável, não cobiçam nada incerto neste mundo.

CRIANÇAS: Ou seja, homens com intelecto subdesenvolvido, visão obscurecida e desejo por prazeres materiais.
REDE: Que envolve almas ignorantes em suas malhas de nascimentos repetidos e as torna vítimas de doenças, velhice e morte.
MORTE GENERALIZADA: Ninguém identificado com o corpo pode escapar da morte. É o fim certo de todas as criaturas que vivem sob o feitiço da ignorância, acalentando desejos egoístas e trabalhando apenas para o cumprimento desses desejos.
IMORTALIDADE: Consciência ininterrupta do Ser mais íntimo, que permanece não-afetada pela lei do karma. O Ser não se expande pela boa ação, nem se contrai pela ação má. Somente o Autoconhecimento é seguro e imutável Imortalidade. A imortalidade relativa desfrutada pelos deuses chega ao fim com o tempo.
NÃO COBIÇAM: Ou seja, eles não buscam a imortalidade no universo perecível através da prole, riqueza ou vida no céu. Eles renunciam a todo desejo por essas coisas transitórias.

Somente o Conhecimento do Ser torna alguém imortal. Uma pessoa não iluminada, mesmo desfrutando da vida mais longa na terra, permanece uma vítima da morte.

Como pode alguém realizar Aquilo, conhecendo o qual, os sábios não cobiçam nenhum objeto mundano?

3. É através do *Ātman* que alguém conhece forma, sabor, cheiro, sons, toques e prazeres carnais. Há algo que permaneça desconhecido para *Ātman*? Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

ĀTMAN: Que é Consciência Pura e o Conhecedor último.
HÁ ALGO ETC: Tudo é conhecido através do Conhecimento de *Ātman*.
ISSO, VERDADEIRAMENTE, ETC: Ou seja, o que Nachiketa pediu ao Rei da Morte como seu terceiro presente não é nada além do *Ātman*.

Segundo a Vedanta, o *Ātman*, que é Consciência Pura, é o Sujeito, ou Vidente real; todas as coisas externas—incluindo corpo, sentidos, mente e ego—são o objeto, ou o visto. O objeto é desprovido de consciência. Quando um órgão dos sentidos percebe um objeto externo, é realmente o *Ātman* que é aquele que percebe. O *Ātman* usa o órgão sensório como um instrumento. Por exemplo, quando uma bola de ferro aquecida queima algo, é realmente o fogo que queima e não o ferro. Os órgãos dos sentidos e as coisas externas consistem de matéria inerte; ambos são objetos de percepção. Se um órgão dos sentidos por si só pudesse perceber um objeto, digamos, uma árvore, então este último também poderia perceber outro objeto.

Como o Autoconhecimento é sutil e profundo, a ideia do verso anterior é reiterada:

4. É através do *Ātman* que alguém percebe todos os objetos no sono ou no estado de vigília. Tendo realizado o vasto, onipresente *Ātman*, a alma calma não sofre.

Um homem experiencia três estados de consciência no mundo relativo, a saber, o estado de vigília, o estado de sonho e o sono profundo. No estado de vigília, os sentidos e a mente funcionam. Nos sonhos, apenas a mente funciona. O sono sem sonhos [sono profundo] é caracterizado pela ausência de atividade tanto dos sentidos quanto da mente. O *Ātman* é a Testemunha das atividades dos estados de vigília e sonho e de sua ausência no sono sem sonhos. Todos os estados relativos estão sujeitos a mudanças. O *Ātman* apenas, sendo a Testemunha de todas as mudanças, é imutável. Um homem que realiza a si mesmo como o imutável *Ātman* se liberta do medo e do pesar.

A alma individual, que é quem experimenta os resultados das ações e o suporte do prana e dos órgãos dos sentidos, na realidade é incondicionada pelo tempo e é o Senhor Supremo de tudo.

5. Aquele que conhece a alma individual, quem experimenta os frutos da ação, como *Ātman*, sempre próximo, e o Senhor do passado e do futuro, não se esconderá de outros. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

CONHECE ETC: Ou seja, realiza a não-dualidade entre a alma individual e Brahman.
ALMA INDIVIDUAL: Que é condicionada pelos *pranas*, pelos sentidos e por outros adjuntos materiais.

EXPERIMENTADOR ETC: As palavras no texto significam, literalmente, 'aquele que desfruta do mel'. Um homem busca os frutos da ação como buscaria mel.
PASSADO E FUTURO: O presente também deve ser incluído.
OCULTAR: Enquanto um homem pensa no *Ātman* como não eterno e limitado, ele sucumbe ao medo e tenta ocultar seus pensamentos e ações dos outros para sua própria proteção. Mas se ele conhece o *Ātman* como não-dual e indestrutível, então não tem razão alguma para ocultar. O desejo de ocultação é resultado do medo, que surge da percepção da dualidade. A ignorância cria a noção ilusória de dualidade. A verdadeira força é derivada da realização do *Ātman* não dual.

O *Brihadaranyaka Upanishad* narra a história do primeiro ser criado, que, ao se encontrar sozinho no vasto universo, foi tomado pelo medo e buscou um companheiro. Mas imediatamente disse a si mesmo: 'Não há outro além de mim. Por que deveria temer?' Assim, ele se livrou do medo. Da mesma forma, quando um homem abandona a ilusão da dualidade e percebe que apenas o *Ātman* não-dual existe, ele se torna destemido.

O Ser mais íntimo, descrito como o Senhor Supremo, é o Ser de todos os seres.

6. Aquele que verdadeiramente conhece Brahman conhece o Primeiro Nascido, nascido da austeridade, criado antes das águas, e que habita, com os elementos, na caverna do coração. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

PRIMEIRO NASCIDO: Ou seja, *Hiranyagarbha*. Ele é a primeira manifestação, através de *maya*, de Brahman no universo relativo.
NASCIDO DA AUSTERIDADE: Desejando a criação, o Senhor (*Saguna* Brahman) praticou austeridade, que consistia em intenso pensamento ou contemplação. Toda a criação é o resultado desse pensamento intenso.
ÁGUAS: Ou seja, os cinco elementos. Os cinco elementos surgiram depois de *Hiranyagarbha*.
ELEMENTOS: Os elementos materiais que constituem o corpo e os sentidos são mantidos unidos pela lei de causa e efeito.

Desejando a criação, Brahman submete-se a um intenso pensamento. O primeiro resultado desse pensamento é *Hiranyagarbha*, ou a Alma do Mundo. Em seguida, evoluem os cinco elementos materiais, que, por sua vez, produzem os corpos de todas as criaturas — deuses, homens, animais, pássaros, árvores etc. Então, Brahman entra nesses corpos como suas almas. Assim individualizado, Ele habita nos corações de todos, cercado pelos *pranas* e órgãos, e experimenta diversos objetos. *Hiranyagarbha* e as almas individuais, sendo os nascidos de Brahman, são da mesma natureza que Brahman, assim como ornamentos feitos de ouro nada mais são do que ouro.

Além disso:

7. Aquele que verdadeiramente conhece Brahman conhece *Aditi*, a alma de todas as divindades, que nasceu na forma de *Prana*, que foi criada com os elementos, e que, entrando no coração, ali permanece. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

ADITI: Literalmente, 'Devorador', ou 'Experimentador'; um epíteto aplicado a *Hiranyagarbha* porque, como Alma do Mundo, é o experimentador de sons, sabores e todos os outros objetos do universo.
ALMA ETC: Ou seja, que contém dentro de Si todos os seres. As divindades são mencionadas aqui porque são seres superiores no universo relativo.
PRANA: A palavra refere-se a *Hiranyagarbha*, que é a vida cósmica.
CRIADA COM OS ELEMENTOS: A referência é à alma individual, que parece nascer junto com os elementos materiais que constituem o corpo físico.
PERMANECE ETC: Como a alma individual.

Este verso, como o anterior, refere-se a *Hiranyagarbha*, a primeira manifestação de Brahman no universo relativo. Outra manifestação de Brahman é o *jiva*, ou ser individual. Ambos, em essência, são idênticos a Brahman. Aquele que conhece Brahman em Seu aspecto de *Hiranyagarbha* e *jiva* O conhece verdadeiramente. O conhecimento do universo manifesto e da Alma do Mundo leva ao Conhecimento do Absoluto. Os Upanishads, ao contrário da opinião de críticos superficiais, insistem no conhecimento do universo manifesto como um pré-requisito para o Conhecimento da Realidade Última. Os indo-arianos dos tempos védicos cultivavam um conhecimento profundo do mundo. Esse conhecimento, no final, cria desapego pelo mundo e impulsiona o buscador em direção a Brahman, a Realidade imutável. Se uma pessoa nasce com verdadeiro desapego pelos objetos materiais, os mestres da Vedanta explicam que ela deve ter adquirido um conhecimento completo do universo multifacetado em encarnações anteriores. Brahman manifesto, ou o universo, é na realidade não diferente da Consciência Pura. É *maya* que cria a aparente diferença.

A mesma ideia é reiterada:

8. *Agni*, oculto nos dois gravetos de fogo, e bem guardado — como uma criança no ventre de sua mãe — é adorado dia após dia pelos homens que estão despertos e por aqueles que oferecem oblações nos sacrifícios. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

AGNI: A palavra refere-se tanto ao fogo visível no qual os sacrificadores oferecem suas oblações quanto a *Virat*, ou a Alma do Mundo, que os *yogins* contemplam em seus corações.
GRAVETOS DE FOGO: Nos sacrifícios védicos, o fogo era produzido pelo atrito de dois pedaços de madeira, conhecidos como *arani* inferior e superior.
BEM GUARDADO: Tanto pelos sacrificadores quanto pelos *yogins*, como uma mãe que protege seu filho ainda não nascido por meio de alimentos e bebidas bem regulados.
PELOS HOMENS QUE ETC: Refere-se aos *yogins*, que estão sempre alertas e vigilantes em sua disciplina espiritual.

POR AQUELES QUE OFERECEM ETC: Refere-se aos chefes de família, que diariamente oferecem oblações no fogo sacrificial como parte de sua disciplina espiritual.

É *Hiranyagarbha* quem é variadamente adorado pelos *yogins* e sacrificadores como *Agni*, ou Fogo. Aquele que conhece *Hiranyagarbha* conhece Brahman. Neste verso, também, o sábio védico pede aos aspirantes que cultivem o conhecimento do universo e de sua alma controladora.

A discussão sobre Brahman como a Alma e Essência do universo manifesto é concluída:

9. De onde o sol nasce e para onde se põe, em quem todos os devas estão contidos, e a quem ninguém pode ultrapassar — Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

DE ONDE: Refere-se a *Prana*, a Alma do Mundo, que é a semente de todos os objetos tangíveis no universo.
DEVA: A palavra refere-se às divindades, como o deus do fogo, o deus do vento, o deus do céu, e assim por diante, e também aos diversos órgãos dos sentidos dos seres vivos.
ESTÃO CONTIDOS: Como os raios de uma roda presos ao eixo.

O texto descreve a manifestação de Brahman como *Prana* tanto em seu aspecto cósmico quanto individual. Todas as divindades resplandecentes surgem de *Prana*, são sustentadas por ele e, no fim, durante o estado de não manifestação, tornam-se uma só com ele. No momento da próxima criação, elas emergem novamente de *Prana*. O mesmo ocorre com os órgãos dos sentidos e o *prana* individualizado. Eles também se fundem no *prana* durante o sono sem sonhos e emergem dele novamente no estado de vigília. Segundo a Vedanta, as diferentes formas de consciência que controlam as atividades dos deuses são as mesmas que controlam as atividades dos órgãos dos sentidos. Os quatro versos anteriores descrevem a não-dualidade última de Brahman sem atributos, a Alma do Mundo e a alma individual. Brahman é a causa final dos outros dois. A causa aparece como efeito através de *maya*. Não há diferença intrínseca entre causa e efeito. Toda a criação é *maya*. Somente Brahman é real.

Alguns podem objetar à afirmação de que tudo é Brahman, pois todos os seres encarnados, desde o exaltado Hiranyagarbha até uma simples folha de grama, estão associados a upadhis (condicionamentos) e sujeitos ao nascimento e morte, enquanto Brahman, ou Consciência Pura, está livre disso. Eles podem argumentar que Brahman e os seres encarnados são completamente diferentes em natureza e, portanto, não podem ser idênticos. Essa objeção é rejeitada:

10. O que está aqui, o mesmo está lá; e o que está lá, o mesmo está aqui. Aquele que vê qualquer diferença aqui vai de morte em morte.

O QUE ESTÁ AQUI: Ou seja, o que parece para pessoas não discriminativas como um ser fenomênico sujeito às leis de tempo, espaço e causalidade, mas que, do ponto de vista da Verdade, nada mais é que puro Brahman.
O MESMO ESTÁ LÁ: Refere-se a Brahman, que é Consciência absoluta e imutável, livre de toda relatividade.
O QUE ESTÁ LÁ: A Consciência Pura, que é o Ser mais íntimo de todos.
O MESMO ESTÁ AQUI: O que parece ser um ser fenomênico sujeito às condições de nome e forma, causa e efeito.
MORTE EM MORTE: A alma não iluminada está sujeita a repetidos nascimentos e mortes, característicos do mundo relativo.
QUALQUER DIFERENÇA: Noções como 'Eu sou diferente de Brahman supremo' ou 'Brahman supremo é diferente de mim.' A aparente diferença entre o *jiva* (ser individual) e o Criador resulta do *upadhi* (condicionamento limitador). O *upadhi* é criado por *maya* (ignorância). Ou seja, Brahman, ou Consciência Pura, parece estar condicionado por *maya* como ignorância cósmica e então se torna conhecido como o Criador; e o mesmo Brahman, quando condicionado pelo *buddhi* (intelecto) individual, aparece como o *jiva*. Com a destruição da ignorância, as condições limitadoras também são destruídas. Então, vê-se apenas Brahman em toda parte.
AQUI: Ou seja, em Brahman, que nunca se tornou a multiplicidade.

Quando um homem sonha, ele toma os objetos do sonho como reais. Ao acordar, ele os percebe como irreais, mas considera os objetos do estado de vigília como reais. Ao atingir o Conhecimento, a mesma pessoa percebe que as experiências da vigília são tão ilusórias quanto as do sonho. Embora a Vedanta faça uma distinção, do ponto de vista relativo, entre experiência da vigília, experiência do sonho e percepções ilusórias, do ponto de vista da Realidade Absoluta, todas as três são igualmente irreais. Portanto, o aspirante deve descartar toda multiplicidade e ver em toda parte Brahman, a Consciência onipresente. Só assim ele pode superar o medo, que é causado pela percepção da dualidade.

O instrumento pelo qual a ignorância é destruída e o Brahman não dual é realizado é uma mente purificada pelo ensinamento de um mestre e pela prática da disciplina espiritual.

11. Somente pela mente Brahman é realizado; então, não se vê n'Ele multiplicidade alguma. Aquele que vê multiplicidade n'Ele vai de morte em morte. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

MENTE: Quando a mente se torna pura através da prática da disciplina espiritual, realiza-se Brahman como uma massa de Consciência não-dual e homogênea.
ENTÃO: O Conhecimento de Brahman destrói a ignorância, causa da percepção da multiplicidade.

A alma iluminada vê como Brahman o universo múltiplo, que, para o ignorante, parece ser algo além de Brahman.

A natureza de Brahman é difícil de compreender:

12. O *Purusha*, do tamanho de um polegar, habita no corpo. Ele é o Senhor do passado e do futuro. Conhecendo-O, não mais se oculta a si mesmo. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

PURUSHA: Literalmente, 'Pessoa'. É um epíteto aplicado a Brahman devido à Sua morada no corpo e por preencher todo o universo.
POLEGAR: Os místicos vedantistas concebem o coração como um botão de lótus do tamanho de um polegar, dentro do qual há um espaço luminoso onde Brahman se manifesta. O aspirante utiliza esse espaço, em meditação, como um símbolo de Brahman.

Além disso:

13. O *Purusha*, do tamanho de um polegar, é como uma chama sem fumaça. O Senhor do passado e do futuro, Ele é o mesmo hoje e amanhã. Isso, verdadeiramente, é Aquilo.

CHAMA ETC: Assim deve-se meditar em *Ātman*. É pura luz, sem vestígio de fumaça ou mundanalidade.
HOJE ETC: O *Ātman* permanece sempre o mesmo, não-afetado pelas ações do corpo e da mente.

Os *yogins* contemplam *Ātman* em seus corações como o Senhor do passado e do futuro. O mesmo *Ātman* eterno e imutável, diz o *Upanishad*, habita agora nos corações de todos e também habitará lá no futuro. A ideia é que não existe ninguém igual a *Ātman* ou separado d'Ele. Nem haverá tal ser no futuro.

A percepção da multiplicidade no Brahman não dual é novamente condenada:

14. Como a água da chuva que cai no pico de uma montanha escorre pelas rochas em todas as direções, assim também aquele que vê os atributos como diferentes de Brahman, corre atrás deles em todas as direções.

ESCORRE: Se dispersa e, por fim, se perde.
ATRIBUTOS: A palavra *dharma* no texto significa, literalmente, atributo, que, segundo o *Advaita Vedanta*, não é diferente da substância. Os atributos que distinguem os objetos fenomênicos de Brahman são resultado de *maya* e, portanto, ilusórios. Eles são, na verdade, um só com Brahman, que, por causa de *maya*, aparece como o universo e os seres criados. Gaudapada, o grande filósofo *Advaita*, usa a palavra *dharma* para denotar o *jiva*, ou ser encarnado, que é essencialmente idêntico a Brahman. (Ver Ma. Up. Gau. Ka. IV. 1.)
CORRE ATRÁS ETC: Ou seja, persegue entidades materiais separadas no mundo relativo. Ele se torna vítima da morte sempre recorrente e não atinge a Liberação.

A percepção da multiplicidade, resultante da ignorância, é a causa de todo sofrimento. Assim como a água da chuva, escorrendo pelas encostas de uma colina íngreme, se divide em inúmeros canais e, por fim, se perde sem servir a um propósito frutífero, da mesma forma, aquele que vê a multiplicidade dos seres encarnados criados pelos *upadhis* e os persegue como se fossem reais, se perde no mundo relativo e não alcança a Liberação, que é o objetivo final da evolução.

O iluminado está livre da ilusão da multiplicidade criada pelos upadhis. Ele vê o Ātman não dual, que é Consciência Pura. Assim, sua alma se absorve nesse Ātman não dual.

15. Como água pura derramada em água pura se torna uma com ela, assim também, ó Gautama, torna-se o Ser do sábio que conhece.

SÁBIO: A palavra *muni* no texto significa uma pessoa contemplativa.
CONHECE: A unidade de *Ātman* e Brahman.

A Alma é, por natureza, pura, livre, iluminada e imortal. Essas características permanecem as mesmas mesmo quando, por ignorância, Ela se identifica com um corpo material. Através do Conhecimento, a alma encarnada redescobre sua natureza imortal. Nada de novo é acrescentado à Alma, nem nada é tirado dela. Uma mulher, por ignorância, às vezes pensa que perdeu seu colar, embora o enfeite esteja pendurado em seu pescoço o tempo todo. Quando ela o descobre, não obtém um novo colar. Apesar da aparente multiplicidade, a Alma é una e não dual e, como tal, livre do medo.

"Portanto, deve-se abandonar o falso orgulho e a arrogância, descartar o conselho falacioso dos eruditos lógicos equivocados que proclamam a multiplicidade de *Ātman*, e o ensinamento errôneo dos hereges que pregam sua não-existência, e deve-se realizar a não-dualidade do *Ātman* como ensinado pelos Vedas, que são mais solícitos com nosso bem-estar do que mil pais e mães." (Shankaracharya.)

Aqui termina o Capítulo Um
da Parte Dois do
Katha Upanishad.

CAPÍTULO II

1. HÁ UMA CIDADE com onze portas, pertencente ao *Ātman* não-nascido, de Consciência não distorcida. Aquele que n'Ele medita não sofre mais; liberto [dos grilhões da ignorância], torna-se livre. Isto, verdadeiramente, é Aquilo.

CIDADE: Ou seja, o corpo. As onze portas são as onze aberturas: os dois olhos, as duas orelhas, as duas narinas, a boca, o umbigo, os dois órgãos inferiores e a abertura no topo da cabeça, por onde o sopro vital de um iogue sai no momento da morte.
PERTENCENTE A: Sob o senhorio do *Ātman*.
NÃO-NASCIDO: Livre de características da matéria como nascimento, crescimento, decadência e morte.
CONSCIÊNCIA NÃO DISTORCIDA: Assim como, da posição do sol, não há mudança em sua luz, também, da posição do *Ātman*, não há mudança em Sua Consciência. Modificações como crescimento e decadência não podem ser associadas à Consciência. Se não fosse assim, seria preciso pensar em outra Consciência imutável como testemunha de todas essas mudanças. O *Ātman*, sendo a testemunha última de todas as mudanças externas e internas, é o Senhor do corpo.
MEDITA: Essa meditação é acompanhada pelo Verdadeiro Conhecimento.
NÃO SOFRE MAIS: Porque o meditador está livre de todos os desejos e vê o *Ātman* em todos os seres. O Conhecimento de Brahman o torna destemido e, consequentemente, livre da tristeza.
LIBERTO: O conhecedor do *Ātman*, mesmo vivendo no corpo, está livre do grilhão do desejo e da ação criados pela ignorância.
TORNA-SE LIVRE: Após a morte, ele atinge a Liberação final e não está sob qualquer compulsão para assumir um corpo no mundo relativo.

Uma cidade e seu senhor são muito diferentes um do outro. Uma mudança na primeira não afeta o último. Da mesma forma, o *Ātman* é completamente diferente do corpo. O crescimento ou decadência do corpo não afeta o *Ātman* de forma alguma. Imutável e inalterável, Ele é independente do corpo. O Autoconhecimento é muito sutil e profundo. O presente capítulo o explica por outra abordagem.

Não há diferentes Ātmans em diferentes corpos. O mesmo Ātman habita em todos os corpos. Ele é onipresente.

2. Ele é o sol que habita nos céus brilhantes. Ele é o ar que habita no espaço intermediário. Ele é o fogo que habita na terra. Ele é o hóspede que habita na casa. Ele habita nos homens, nos deuses, na verdade, no céu. Ele nasce na água, na terra, no sacrifício, nas montanhas. Ele é o Verdadeiro e o Grande.

HÓSPEDE ETC: Ou a frase pode ser traduzida: 'Ele é o *suco soma* que habita no jarro sacrificial.'
VERDADE: Ou a palavra *rita* pode significar sacrifício.
ÁGUA: Ele nasce na água como conchas, ostras perlíferas, peixes e outras criaturas marinhas.

TERRA: Ou seja, como cevada, milho e outros cereais.
SACRIFÍCIO: Como seus vários auxiliares.
MONTANHAS: Como riachos e rios.
VERDADEIRO: De natureza inalterável.
GRANDE: Porque Ele é a causa de tudo.

Há apenas um *Ātman*, sem um segundo, que é o Ser onipresente do universo. O *Ātman*, sendo não-diferente de Brahman, exclui completamente a multiplicidade e a diferença.

Aqui está a evidência que aponta para a existência do Átman independente do corpo:

3. Ele é quem envia o *prana* para cima e quem conduz o *apana* para baixo. Todos os devas adoram Aquele adorável, sentado no meio.

ELE: O Ser, a quem Nachiketa desejava conhecer por seu terceiro desejo.
PRANA: Uma fase da energia vital, conhecida como a respiração, cuja presença é sentida nas narinas. As outras quatro fases são chamadas *apana*, *vyana*, *udana* e *samana*. *Apana* auxilia na ejeção de alimentos e bebidas não assimilados. *Vyana* move-se em todas as direções e permeia todo o corpo como as correntes nervosas. A principal função de *udana*, que opera na garganta, é ajudar a alma e o corpo sutil a sair no momento da morte. *Samana* auxilia na digestão; também transporta nutrição pelo corpo. Esses cinco não são forças diferentes, mas vários aspectos de uma mesma energia vital, conhecida como *mukhya prana*, ou *prana* principal, que às vezes também é chamada simplesmente de *prana*. Segundo os videntes védicos, esse *prana* é uma manifestação no corpo individual da energia cósmica dinâmica que se manifesta através de todos os objetos animados e inanimados e os sustenta.
DEVAS: Aqui, a palavra significa os órgãos dos sentidos.
ADORÁVEL: *Vamana*, a palavra no texto, também significa anão. O Ser é frequentemente descrito como do tamanho de um polegar.
NO MEIO: Ou seja, no coração.

Os órgãos dos sentidos trazem as impressões do mundo exterior para o *Ātman*, como súditos trazendo oferendas a um rei. Ou seja, todas as suas atividades são para o gozo do *Ātman*. O *Ātman* usa os órgãos dos sentidos e os *pranas* para servir a seu propósito, como um rei usa seus oficiais; é totalmente diferente deles.

A alma individual usa o corpo como seu instrumento para ganhar experiências, que, por fim, levam à sua emancipação. Quando abandona o corpo, este se desintegra, como uma cidade depois que o rei a abandonou.

4. Quando a alma, identificada com o corpo e nele habitando, é arrancada do corpo, libertando-se dele, o que então resta? Isto, verdadeiramente, é Aquilo.

O QUE ETC: No momento da morte, o corpo sutil, consistindo dos cinco *pranas*, os cinco órgãos de percepção, os cinco órgãos de ação, a mente e o intelecto, deixa o corpo grosseiro junto com a alma. O corpo grosseiro se deteriora e cai em ruína.
ISTO, VERDADEIRAMENTE, ETC: O *Ātman*, a quem Nachiketa desejava conhecer, é essa entidade espiritual no homem em cuja ausência o corpo não pode viver nem por um instante. É completamente diferente do corpo.

Pode-se objetar que o corpo é sustentado não pelo Ātman, mas pelo prana, ou força vital, em cuja ausência ele perece. Essa objeção é respondida:

5. Nenhum mortal jamais vive pelo *prana*, que sobe, nem pelo *apana*, que desce. Os homens vivem por algo diferente, do qual esses dois dependem.

NENHUM MORTAL: Segundo a filosofia Vedanta, qualquer combinação de partes insensíveis deve ser para o benefício de um ser senciente. A combinação implica propósito, que aponta para a senciência. Por exemplo, um objeto como uma casa, um veículo ou um móvel, que consiste em partes, não serve a nenhum propósito próprio, mas ao de outro. O *prana* e os órgãos dos sentidos consistem de partes inertes; são produzidos por uma combinação dos elementos sutis em proporções variadas. Portanto, são dirigidos em suas atividades por outro, cujo interesse servem. Esse é o *Ātman*, ou o Ser, o Espírito simples, não dual, homogêneo. *Prana* e *apana* no texto também incluem os órgãos dos sentidos.

Os órgãos dos sentidos, o *prana*, a mente, o intelecto e os demais realizam suas respectivas funções para servir à necessidade do *Ātman*.

Agora, a resposta do Rei da Morte à pergunta de Nachiketa é diretamente apresentada:

6. Muito bem, ó Gautama, eu te falarei sobre este profundo e eterno Brahman, e também sobre o que acontece ao *ātman* após encontrar a morte.

E TAMBÉM ETC: Se o *ātman* [alma individual] deixa o corpo após a realização do Conhecimento, ele alcança a Liberação e não nasce novamente no mundo relativo. A questão sobre o que acontece após a morte não se aplica à alma liberada.

A doutrina do karma e do renascimento é estabelecida para aqueles que morrem sem o Conhecimento de Brahman:

7. Alguns *jīvas* entram no ventre para se tornarem seres orgânicos, e outros entram na matéria inorgânica — de acordo com suas ações e de acordo com seu conhecimento.

SERES ORGÂNICOS: Criaturas vivas dotadas de órgãos físicos.
MATÉRIA INORGÂNICA: Como árvores, plantas, etc.

Segundo a doutrina do karma e do renascimento, o futuro da alma encarnada é determinado por suas ações e conhecimento atuais. Por ações nobres, torna-se nobre; por ações más, torna-se má. Pode-se assumir qualquer corpo no universo relativo, desde o de um deus até o de uma planta. Se *sattva* predomina no momento da morte, obtém-se um corpo divino; se *rajas*, um corpo humano; e se *tamas*, um corpo inferior. Mas deve-se lembrar que a natureza do *Ātman* não é alterada pelo fato de assumir um corpo. O *Ātman* usa o corpo para cumprir Seu propósito. Todos, no fim, alcançarão a Liberação.

Agora é descrito o Ātman, cuja natureza é incompreensível para o entendimento comum. Ele é a Consciência imutável presente no homem, a Testemunha de seus estados de vigília, sonho e sono profundo.

8. Ele, o *Puruṣha*, que permanece desperto enquanto os órgãos sensórios dormem, moldando uma forma bela após outra — este, verdadeiramente, é o Puro, este é Brahman, e somente este é chamado de Imortal. Todos os mundos estão contidos n'Ele, e nada pode ir além. Isto, verdadeiramente, é Aquilo.

MOLDANDO ETC: Refere-se ao estado de sonho, quando os órgãos dos sentidos permanecem inativos. Quando um homem dorme, o *Ātman*, sob o véu da ignorância, cria os objetos do sonho. Ou pode-se explicar assim: Pela própria presença do *Ātman*, a mente, ou órgão interno, cria várias formas a partir de suas impressões acumuladas. No sono profundo, também, o *Ātman*, ou Consciência Pura, existe como a Testemunha do estado passivo da mente, quando nada é compreendido. Por isso, ao despertar do sono profundo, o homem diz que nada sabia naquele momento. O *Ātman* é a Testemunha imperecível e imutável dos três estados de consciência.
ESTE É BRAHMAN: Brahman, ou a Realidade Última, é a Consciência Pura no homem, idêntica à Consciência Pura no universo.
ESTÃO CONTIDOS: A Consciência Pura é a causa última e o fundamento do universo.

Apesar da multiplicidade de corpos, o Ātman é uno e não-dual.

9. Assim como o mesmo fogo não-dual, após entrar no mundo, torna-se diferente de acordo com o que queima, assim também o mesmo *Ātman* não-dual, habitando todos os seres, torna-se diferente de acordo com o que Ele entra. E Ele existe também fora.

Apesar das repetidas afirmações dos vedantistas sobre a não-dualidade do *Ātman*, muitos lógicos equivocados, especialmente entre os dualistas, insistem que deve haver muitos *ātmans*. Eles argumentam que a morte de uma pessoa não implica a morte de outra, que o fruto da ação de um não é colhido por outro e que a atividade de um não torna outro

ativo. Por essas e outras razões, os dualistas afirmam que deve haver muitos *ātmans*, independentes entre si, cada um existindo como uma entidade separada. O Advaitista responde que o *Ātman* não-dual, devido à sua associação com diferentes *upādhis* (condicionamentos limitantes), parece assumir diferentes nomes e formas. Esses *upādhis* são ilusórios, não reais. Os *ātmans* aparentes podem ser muitos, mas o *Ātman* real é um só. Ele permeia todos os objetos do mundo fenomênico e ainda assim existe em Sua pureza intrínseca. A Vedanta não é panteísmo.

Outra ilustração:

10. Assim como o mesmo ar não-dual, após entrar no mundo, torna-se diferente de acordo com o que ele penetra, assim também o mesmo *Ātman* não-dual, habitando todos os seres, torna-se diferente de acordo com o que Ele entra. E Ele existe também fora.

DIFERENTE ETC: O ar, entrando em um corpo físico como *prāṇa*, é conhecido por nomes diferentes de acordo com suas funções. Também se dá o exemplo do ar soando diferentemente ao passar por diferentes instrumentos musicais.

Pode-se objetar que, se o Ser Supremo é o Ser de todas as coisas, Ele deveria então ser afetado por suas características. A objeção é respondida:

11. Assim como o sol, que ajuda todos os olhos a ver, não é afetado pelas impurezas dos olhos ou das coisas externas reveladas por ele, assim também o único *Ātman*, habitando todos os seres, nunca é contaminado pela miséria do mundo, pois está além dele.

PELAS IMPUREZAS ETC: Refere-se ao contato dos olhos com coisas impuras e também à corrupção da mente que às vezes se segue a tal contato. Isso não mancha o sol, sem cuja luz nenhum objeto externo pode ser visto.
ASSIM TAMBÉM ETC: É a realidade do *Ātman* que faz os objetos mundanos parecerem reais. No entanto, o *Ātman*, por ser desapegado, permanece não-afetado por dor e prazer, bem e mal, e outros pares de opostos, que são falsamente sobrepostos a Ele por ignorância. O mesmo vale para o deserto e uma miragem. A miragem parece real por causa do deserto, mas suas características não podem afetar o deserto, pois os dois não têm relação.

Adaptado do Comentário de Śhaṅkara:

"Todos os seres, devido à *avidyā* (ignorância) sobreposta ao *Ātman*, sofrem miséria decorrente de desejos e ações. Mas essa ignorância, na realidade, não existe no *Ātman*. É por ilusão que se vê uma cobra, prata, água ou cinza, respectivamente, numa corda, madrepérola, deserto ou céu azul. A corda e os demais não são, de fato, afetados no mínimo pelos objetos falsamente atribuídos a eles, pois são totalmente alheios às noções contrárias assim

sobrepostas. Da mesma forma, por ignorância, os homens sobrepõem ao *Ātman* a noção equivocada de agência, ação e fruto — comparável à falsa percepção da cobra, da prata etc. — e, consequentemente, experimentam sofrimento, velhice e morte. Mas o próprio *Ātman*, embora seja o Ser de todos, não é tocado pela miséria criada pela sobreposição de uma noção contrária. Por quê? Porque Ele é, como no caso da corda e demais, completamente externo à noção contrária imposta pela ignorância."

É um fato bem conhecido que a dependência é a causa da miséria. O Ser Supremo, que é não dual e Senhor de tudo, está livre da miséria. Portanto, a realização do Ser Supremo deve ser o objetivo de todos que buscam paz e o Bem Supremo.

12. Há um único Governante Supremo, o Ser interior de todos os seres, que torna Sua única forma em múltipla. A felicidade eterna pertence aos sábios, que O percebem em si mesmos — não aos outros.

GOVERNANTE: Todo o universo está sob o controle do Ser Supremo. Não há outro igual a Ele em poder, certamente nenhum maior.
TORNA SUA FORMA EM MÚLTIPLA: O Senhor é, por natureza, Consciência indivisível, pura e homogênea; mas, devido à *māyā*, surgem formas diversas — subumanas, humanas e super-humanas. Assim, o Senhor não-dual aparece como o universo, com seus muitos nomes e formas. E essa *māyā* (ilusão cósmica), que não tem existência fora do Senhor, é Seu poder inescrutável.
FELICIDADE ETERNA: Que surge do Ser bem-aventurado, não do contato com qualquer objeto material.
SÁBIOS: Aqueles dotados de discernimento e que se desapegaram dos objetos materiais percebem o *Ātman*, seguindo as escrituras conforme explicadas por um mestre qualificado.
PERCEBEM EM SI MESMOS: O Senhor se manifesta como consciência em todo ser senciente. Ele se reflete no *buddhi* (intelecto), como a luz num espelho. O *Ātman*, sendo incorpóreo e onipresente como o céu, não pode ter o corpo como Seu suporte.

O Senhor Supremo é o Ser interior de todos, mesmo daqueles mais apegados aos prazeres materiais. No entanto, estes, devido à barreira da ignorância, não podem desfrutar de felicidade duradoura.

E mais ainda:

13. Há Um que é a Realidade eterna entre objetos não eternos, a única Entidade verdadeiramente consciente entre os objetos conscientes, e que, embora não dual, satisfaz os desejos de muitos. A paz eterna pertence aos sábios, que O percebem em si mesmos — não aos outros.

NÃO ETERNOS: O Senhor é o fundamento imutável de toda existência fenomênica, que é sobreposta a Ele por *avidyā*. Segundo os Vedas, no início de um novo ciclo, o Senhor cria o sol, a lua, os planetas e outros objetos materiais exatamente como existiam no ciclo anterior.

No fim do ciclo, eles não são totalmente aniquilados; permanecem em forma causal, fundidos na *prakṛti* indiferenciada. O Senhor é o substrato imutável de todo o universo mutável durante sua criação, preservação e dissolução.
ENTRE OS OBJETOS CONSCIENTES: As divindades e outros seres vivos derivam sua inteligência e consciência do Ser Supremo, assim como um pedaço de ferro em brasa deriva seu poder de queimar do fogo. Sem a Consciência do *Ātman*, todos os seres se tornariam inertes.
SATISFAZ OS DESEJOS: Realiza o fruto [resultados] das ações humanas de acordo com a lei do karma. A lei, por si só, não pode funcionar; ela deve ser administrada e guiada pela inteligência do Senhor.
MUITOS: Os seres encarnados enredados na *māyā*.

A verdadeira e eterna paz só é alcançada através da comunhão com o Senhor Supremo.

14. Os sábios realizam aquela Suprema Alegria indescritível como 'Isto é Aquilo.' Como posso realizá-La? Ela é autoefulgente? Brilha intensamente ou não?

SÁBIOS: Que renunciaram a todos os desejos mundanos.
'ISTO É AQUILO': Ou seja, como uma experiência direta e imediata, distinta do conhecimento indireto por inferência ou testemunho verbal. Quando os órgãos dos sentidos cessam de funcionar e a mente, caracterizada por desejo e volição, se aquieta, só então se atinge o Autoconhecimento como experiência direta.
ELA BRILHA?: Pode-se perceber claramente a luz do *Ātman* pelo intelecto? A dúvida surge porque o *Ātman* está além das palavras e do pensamento.

A dúvida criada no verso anterior é respondida: Brahman é autoefulgente; Ele também concede luz a outros objetos luminosos. Assim, Brahman pode ser conhecido tanto diretamente quanto indiretamente.

15. Lá o sol não brilha, nem a lua e as estrelas, nem esses relâmpagos — quanto mais este fogo. Ele brilhando, tudo brilha por Ele. Por Sua luz, tudo isto é iluminado.

LÁ: Ou seja, em Brahman, que é o Ser mais íntimo de tudo.
O SOL: Que ilumina todos os objetos materiais.

Assim como apenas o calor na água fervente queima — a água, por si só, não queima —, o sol, a lua e outros objetos brilhantes não são luminosos por si mesmos: é a luz de Brahman que os reveste de luminosidade. A autoefulgência de Brahman é conhecida diretamente pelos sábios na profundidade de sua meditação; também pode ser inferida pela luz do sol, da lua e outros objetos. Que o *Ātman* é autoefulgente também pode ser conhecido por manifestações do ego, como 'eu sinto', 'eu penso' e 'eu sei'. O próprio ego é inerte e não-inteligente.

Aqui termina o Capítulo Dois
da Parte Dois do
Kaṭha Upaniṣhad.

CAPÍTULO III

1. ESTA É AQUELA eterna Árvore *Aśvattha* com sua raiz acima e ramos abaixo. Aquela raiz, na verdade, é chamada de a Brilhante; Aquilo é Brahman, e somente Aquilo é o Imortal. N'Aquilo todos os mundos estão contidos, e nada pode ir além. Isto, verdadeiramente, é Aquilo.

ETERNAL: A Árvore do *Saṃsāra*, ou o universo relativo, é caracterizada por uma série contínua de nascimentos e mortes, sem começo nem fim. A única maneira de cortá-la é através do conhecimento e realização da identidade do *Ātman* com Brahman.
ÁRVORE AŚVATTHA: A conhecida figueira da Índia, que lança seus ramos para baixo, de modo que criam raízes e formam novos troncos, transformando uma única árvore numa espécie de floresta.
RAIZ ACIMA: Em uma árvore comum, a raiz principal se estende para baixo; mas na Árvore do *Saṃsāra*, essa raiz está no alto. A raiz é Brahman, que é a causa última de tudo. Segundo a Vedanta Não-Dual, o Absoluto (*Nirguṇa* Brahman) está além da categoria de causalidade. Brahman com *māyā* (*Saguṇa* Brahman) é a raiz do universo. No entanto, *māyā* não tem existência independente de Brahman. Portanto, *Saguṇa* Brahman é, na realidade, o mesmo que o Absoluto.
RAMOS ABAIXO: O céu, a terra, o inferno e todas as outras esferas da existência relativa, habitadas por almas encarnadas ou desencarnadas, são descritas aqui como os ramos que se estendem para baixo da Árvore do Universo. Ou os ramos podem significar princípios cósmicos como a mente universal (*mahat*), o ego (*ahaṃkāra*) e os cinco elementos sutis (*tanmātras*).
AQUELA RAIZ: Ou seja, a raiz do universo.
BRILHANTE: Autoefulgente porque é Consciência Pura.
BRAHMAN: De majestade suprema.
N'AQUILO... CONTIDOS: O universo de nomes e formas é sobreposto por *māyā* sobre Brahman, como uma miragem no deserto. Assim como a miragem surge do deserto, repousa nele e, quando a verdade é conhecida, finalmente desaparece no deserto, também o universo surge de Brahman, repousa n'Ele e, por fim, desaparece em Brahman. Assim como a miragem é percebida como irreal quando a verdade sobre o deserto é conhecida, também o universo de nomes e formas é percebido como irreal quando a verdade sobre Brahman é conhecida.

NADA PODE IR ALÉM: O efeito nunca pode transcender a causa. Um objeto de ouro não pode transcender o próprio ouro. Brahman é a causa, e o universo, o efeito.
ISTO... É AQUILO: O *Ātman* sobre o qual Nachiketa perguntou ao Rei da Morte não é outro senão Brahman.

Śaṅkarācārya, para incentivar os homens no caminho da renúncia, oferece em seu comentário a seguinte vívida descrição da Árvore do Universo:
"O universo está repleto das misérias intermináveis e variadas do nascimento, velhice, morte e sofrimento; muda sua natureza a cada instante. Como magia, uma miragem ou um castelo no ar, o universo é percebido apenas para, no fim, desaparecer. Ele é não eterno, como uma árvore. E, como uma bananeira, não tem substância interior. Sendo objeto de fantasias tolas por parte de muitos hereges estúpidos, sua verdadeira natureza permanece indeterminada pelos sábios buscadores da Verdade. A raiz última do universo é o Supremo Brahman, conhecido pela Vedanta; sua semente é *avidyā*, desejo, ação e o Não-Manifestado; seu broto é *Hiraṇyagarbha*, no qual se combinam os poderes do conhecimento e da atividade de Brahman inferior; seu tronco é formado pelos vários corpos sutis dos seres vivos; seu crescimento arrogante é acelerado pelas águas do anseio pelo prazer. Seus rebentos são os diversos objetos dos órgãos dos sentidos; suas folhas são os Vedas, os *Smṛtis*, a lógica e outras formas de conhecimento; suas belas flores são atos como os variados sacrifícios, doações e penitências; seus diversos sabores são as experiências de alegria e tristeza; e seus frutos infinitos são os céus e outros planos desfrutados pelos seres vivos como recompensa por suas ações. Suas numerosas raízes secundárias estão entrelaçadas, fixadas na terra e nutridas pelas águas do desejo pelos frutos da ação. Os ninhos na árvore foram construídos por pássaros, ou seja, todos os seres vivos — de *Brahmā* para baixo — que residem nos sete céus superiores. A Árvore do Universo ressoa constantemente com o tumulto de danças, cantos, música instrumental, esportes, arrogância, risadas, empurrões, lamentações e exclamações como 'Ai! Estou perdido!' e 'Deixe-me em paz!', induzidas pela euforia e pelo choro, que resultam da felicidade e infelicidade dos seres vivos. Sacudida incessantemente pelos ventos fortes dos desejos e seus frutos, esta Árvore só pode ser derrubada pela espada irresistível do desapego, forjada no fogo do conhecimento da identidade entre Brahman e *Ātman*, conforme ensinado pela Vedanta."

Assim como a visão do algodão no chão revela a existência da árvore do algodão e sua raiz oculta, também do universo pode-se inferir a existência de Brahman, sua causa invisível. O terceiro capítulo começa com esse propósito.

Pode-se argumentar que Brahman, a raiz do universo, cujo conhecimento supostamente concede a Imortalidade, não existe, e que todos os fenômenos percebidos surgiram do nada. Essa alegação é negada:

2. Tudo o que existe — todo o universo — vibra porque emanou de Brahman, que existe como seu Fundamento. Esse Brahman é um grande terror, como um raio pronto a cair. Aqueles que O conhecem tornam-se imortais.

TUDO O QUE EXISTE: O universo inteiro, de outra forma inerte, vibra com vida porque é uma projeção de Brahman, que é a própria Vida. É a realidade de Brahman que faz tudo no universo parecer real. Assim como a realidade do deserto confere aparência de realidade a miragem, a existência de Brahman como causa do universo não pode ser negada.
RAIO PRONTO A CAIR: O raio (*vajra*) é a arma terrível de Indra, com a qual ele matou Vṛtra, o rei dos demônios.

Assim como os servos obedecem incondicionalmente ao mestre armado com uma espada desembainhada, o sol, a lua, as estrelas e os planetas cumprem as ordens de Brahman sem um momento de descanso. É o poder de Brahman que controla os movimentos do universo.

Como o universo funciona sob o temor de Brahman?

3. Pelo temor de Brahman, o fogo queima; pelo temor d'Ele, o sol brilha; pelo temor d'Ele, Indra e Vāyu, e a Morte, o quinto, agem sem cessar.

INDRA: O rei dos deuses.
VĀYU: O deus do vento.
MORTE: O deus da morte.
AGEM SEM CESSAR: Cumprem suas funções diligentemente.

Que o fogo, o sol, os sentidos (Indra), o vento (Vāyu) e a morte desempenhem seus papéis sem o menor desvio da lei é resultado do controle rigoroso exercido por Brahman, o Senhor Supremo.

A Liberação segue o Conhecimento de Brahman.

4. Se um homem consegue realizar Brahman aqui, antes da dissolução de seu corpo, então ele é liberado; se não, ele é novamente encarnado nos mundos criados.

Segundo a Vedanta Não-Dualista, o Conhecimento de Brahman é a Liberação. A Alma é sempre livre, iluminada e pura; *māyā*, ou ignorância, oculta sua natureza e cria as noções ilusórias de individualidade, desejos, ações, nascimento, morte, renascimento e tudo mais. Quando a ignorância é destruída, a Alma toma consciência de sua verdadeira natureza, daquilo que sempre foi. A lei de causa e efeito opera no mundo do vir a ser, não no reino do Ser puro. Quem carece do Conhecimento de Brahman cai no ciclo interminável de nascimento e morte.

A visão mais clara de Brahman só é possível nesta vida.

5. Como num espelho, assim no *buddhi*; assim como num sonho, assim no Mundo dos Pais; como na água, assim Brahman é visto no Mundo dos *Gandharvas*; como na luz e na sombra, assim no Mundo de *Brahmā*.

COMO NUM ESPELHO: Assim como alguém vê seu reflexo claramente em um espelho limpo, assim se vê Brahman claramente no *buddhi*.
NO BUDDHI: Ou seja, no intelecto purificado pelo autocontrole e pela contemplação, quando o *buddhi* se torna limpo, como um espelho sem manchas. A convicção definitiva sobre a realidade de Brahman só é alcançável através de disciplinas espirituais como discriminação, desapego, autocontrole e meditação. Brahman então se torna tão tangível quanto 'uma fruta na palma da mão'. O conhecimento de Brahman após a morte ou nos vários céus é indistinto, como em um sonho. As experiências nos sonhos geralmente são vagas e confusas, porque são o produto cumulativo dos desejos e impressões do estado de vigília.
O MUNDO DOS PAIS: A visão do *Ātman* é indistinta no Mundo dos Pais, pois ali a pessoa está absorta no gozo dos frutos do karma passado. As almas vão para esse plano após a morte para experimentar os resultados de suas ações na Terra.
COMO NA ÁGUA: O reflexo do corpo é indistinto na água; seus membros e várias partes não são claramente definidos.
GANDHARVAS: Uma classe de semideuses considerados os cantores ou músicos do céu.
LUZ E SOMBRA: Ou seja, de maneira muito distinta.
O MUNDO DE BRAHMĀ: O plano mais elevado no universo relativo. Em *Brahmaloka*, ou o Mundo de Brahmā, pode-se ter uma visão muito clara de Brahman; mas esse mundo só é alcançado por meio de sacrifícios especiais, adoração e conhecimento. A intenção do texto é que se deve realizar o *Ātman* aqui, nesta vida.

Como o Ātman é realizado? E qual é o benefício de sua realização?

6. Tendo compreendido que os sentidos têm origem separada e que são distintos do *Ātman*, e também que seu surgir e desaparecer pertencem apenas a eles, um sábio não mais se entristece.

SENTIDOS: Os órgãos de percepção e ação.
ORIGEM SEPARADA: Segundo a Vedanta, os cinco órgãos de percepção — ouvidos, pele, olhos, língua e nariz — foram produzidos, respectivamente, das partículas *sattva* dos cinco elementos: *akasha* (espaço), *vayu* (ar), *tejas* (fogo), *ap* (água) e *prithivi* (terra). Da mesma forma, os cinco órgãos de ação — fala, mãos, pés e os dois órgãos inferiores — foram produzidos, respectivamente, do elemento *rajásico* do espaço, ar, fogo, água e terra. Portanto, os órgãos são inteiramente materiais por natureza e distintos do Ser, ou Consciência Pura.
SURGIR E DESAPARECER: Atividade e inatividade. Os sentidos e a mente estão ativos durante os estados de vigília e sonho [sono com sonhos], e permanecem inativos no sono profundo. Essas mudanças não têm relação com o *Ātman*, que permanece para sempre como sua testemunha imutável. A Consciência Pura sempre permanece a mesma; por isso, o sábio nunca se entristece.

Foi dito que o Ātman é distinto dos sentidos e que é o Ser mais íntimo de todos, e ainda que não pode ser realizado de fora. Essa ideia é expressa nos dois versos seguintes:

7. Além dos sentidos está a mente, além da mente está o intelecto, acima do intelecto está o Grande *Ātman*, acima do Grande *Ātman* está o Não-manifesto.

GRANDE ĀTMAN: *Hiranyagarbha*, que é a totalidade de todas as mentes.

8. Além do Não-manifesto está a Pessoa, onipresente e imperceptível. Tendo-O realizado, o ser encarnado se libera e alcança a Imortalidade.

O conhecedor do *Ātman* é livre da ignorância enquanto vivo e, após a morte, alcança a Imortalidade.

Se o Ātman é totalmente imperceptível, como pode ser visto?

9. Sua forma não é um objeto da visão; ninguém O vê com os olhos. Pode-se conhecê-Lo quando Ele é revelado pelo intelecto livre de dúvida e pela constante meditação. Aqueles que sabem disso tornam-se imortais.

SUA FORMA, ETC.: O *Ātman* é a Consciência mais íntima pela qual são vistos todos os objetos, incluindo não apenas o mundo exterior, mas também o próprio corpo, sentidos, mente e ego. Estes são percebidos pelo *Ātman*, que é o Sujeito eterno. A Consciência é não-dual e indivisível. Ela não é afetada pelas características da matéria. Raciocinando assim, pode-se inferir a existência do *Ātman*, mas não demonstrá-Lo.
INTELECTO, ETC.: O *buddhi*, ou intelecto, controla as modificações da mente. Mesmo quando o aspirante retira seus sentidos dos objetos, a mente pode se fixar neles. É o *buddhi* que permite parar as distrações da mente. Nesse *buddhi*, livre do menor traço de dúvida, Brahman é revelado, mas não como um objeto.
MEDITAÇÃO: Através da meditação, adquire-se o entendimento correto.
DISSO: Ou seja, da unidade de Brahman e *Ātman*.

Observa-se que, mesmo entre os que ouviram a Vedanta e parecem ter entendido sua filosofia, alguns não têm a experiência real da unidade do jiva e Brahman. Isso resulta de certos obstáculos que só podem ser removidos pela prática do yoga. Essa prática é agora descrita:

10. Quando os cinco instrumentos de conhecimento ficam imóveis, junto com a mente, e quando o intelecto não se move, isso é chamado de Supremo Estado.

FICAM IMÓVEIS, ETC.: Os cinco órgãos dos sentidos são retirados de seus respectivos objetos no mundo exterior, e a mente é controlada. O intelecto também permanece imóvel.

As disciplinas de yoga são prescritas para adquirir concentração. Apenas ouvir os ensinamentos das escrituras e raciocinar sobre eles não removem a inquietação ou a distração da mente.

O que é yoga? Como é praticado?

11. Este firme controle dos sentidos é o que se chama yoga. Deve-se então estar vigilante; pois yoga pode ser tanto benéfico quanto prejudicial.

YOGA: É caracterizado pelo desapego da mente dos prazeres materiais e pela comunhão com o Ātman, que é Existência-Conhecimento-Bem-aventurança Absoluta.
ENTÃO: Enquanto se pratica o controle dos órgãos dos sentidos.
VIGILANTE: Ou seja, deve-se estar atento ao praticar as disciplinas do yoga.
PREJUDICIAL: Quando as disciplinas de yoga não são praticadas corretamente, pode-se cair vítima do sono profundo, na inércia ou em outros obstáculos.

A última parte do texto também pode significar que o yoga pode ser tanto adquirido quanto perdido. Se descuidado, o aspirante pode perder o resultado espiritual que adquiriu através do autocontrole.

O Ātman é muito sutil e profundo. Sua existência não pode ser realizada apenas pelo raciocínio. Todos os argumentos a Seu favor podem ser rebatidos por outros igualmente fortes contra Ele. Portanto, segundo a Vedanta, a prova mais convincente do Ātman é a experiência direta e também o testemunho dos sábios que O realizaram.

12. O *Ātman* não pode ser alcançado pela fala, pela mente ou pelo olho. Como pode Ele ser realizado de outra forma senão pela afirmação daquele que diz: 'Ele é'?

DE OUTRA FORMA: Referindo-se aos não-crentes, que afirmam não existir algo como o *Ātman*, a causa do universo, que o universo tangível é sem causa e que, no fim, tudo termina no vazio.
AQUELE QUE DIZ, ETC.: A essência do texto é que se deve respeitar os ensinamentos dos sábios e aceitar suas visões sobre o *Ātman* como a causa última do universo.

O seguinte é adaptado do comentário de Shankara:
"A afirmação dos vedantistas de que o Ser é realizado quando, através da prática do yoga, a mente e os sentidos cessam de funcionar, é contestada pelos materialistas. Eles dizem que algo existe quando é percebido pelos sentidos e que, além da mente, não se vê nada além do vazio. Portanto, se o *Ātman* está além dos sentidos e da mente, na realidade Ele é inexistente. Em resposta, os vedantistas dizem que, embora Brahman seja desprovido de atributos e imperceptível aos sentidos, Sua existência pode ser inferida como a base e a causa última do universo. Um efeito tangível não pode desaparecer num vazio inexistente; ele

apenas se funde em algo que também existe. Por exemplo, quando um pote, que é um efeito do barro, é destruído, ele desaparece no barro. Aquilo em que o efeito desaparece deve ser uma entidade existente. A miragem, no fim, desaparece no deserto. Um objeto grosseiro desaparece num sutil, e este em algo ainda mais sutil, e assim por diante. Assim, se, para descobrir a causa de um objeto, alguém procede do sutil para o mais sutil, não pode deixar de chegar à conclusão de que a causa última deve ser uma entidade existente. Essa causa pode ser muito sutil, mas existe, mesmo assim. Embora, com o desaparecimento de um objeto, a consciência que o percebe (o *buddhi*) também desapareça, esse fenômeno só pode ocorrer com o surgimento da consciência de algo mais que existe. Além disso, nenhum conceito de existência ou não-existência é possível sem uma consciência que perceba. Aquele que diz que a realidade última é inexistente também admite a existência de uma consciência que testemunha a não-existência. Se o universo tivesse o não-ser como causa, então o efeito (o universo), sendo produto do não-ser, teria aparecido como não-existente. Mas percebe-se o universo como existente. Mesmo uma ilusão é percebida como existente porque está inerente a um objeto real. Um pote feito de barro é percebido como inseparável do barro. Portanto, o *Ātman*, a causa do universo, deve ser reconhecido como existente ou real."

Assim, deve-se descartar as visões dos hereges e aceitar a existência do Ātman.

13. Ele deve ser realizado [primeiro] como Existência [limitada pelos *upadhis*] e [depois] em Sua verdadeira natureza transcendental. Dessas duas formas, o *Ātman* realizado como Existência conduz [o conhecedor] à realização de Sua verdadeira natureza.

EXISTÊNCIA: Ou seja, como limitado pelo *buddhi*, pelos sentidos e pelo resto: Brahman imanente no universo.
VERDADEIRA NATUREZA TRANSCENDENTAL: Ou seja, livre de quaisquer limitações; é descrita nas escrituras como imutável, além da lei de causa e efeito, e desprovida das noções de ser e não-ser. O que é chamado de efeito não tem existência separada da causa.
DUAS FORMAS: Ou seja, dotado de *upadhis* (limitações) e livre deles.

O aspirante deve primeiro realizar *Saguna* Brahman, ou Brahman com atributos. Deve meditar no *Ātman* como associado à mente e suas diferentes manifestações. É fácil conceber o *Ātman* como associado ao *buddhi*, ao ego e ao resto. Gradualmente, o aspirante se torna capaz de pensar no aspecto superior do *Ātman*, que foi descrito como não sujeito a nenhum *upadhi* ou condição, diferente do conhecido e superior ao desconhecido, invisível e incorpóreo. O *Ātman* é a causa de tudo, incluindo a mente e o *buddhi*. O efeito, na realidade, não é diferente da causa. O que parece diferenciá-los, como no caso do pote e do barro, são nomes e formas, usados para a conveniência da vida prática do homem. Na realidade, o pote é o mesmo que o barro. Os místicos da Vedanta também afirmam que Brahman, ou Consciência Pura, assume uma forma em associação com *maya*. O devoto primeiro contempla Brahman com forma. Depois, quando anseia por realizar o Absoluto, o próprio Brahman remove, por assim dizer, o véu do *upadhi* e revela ao devoto Sua natureza sem forma, que aniquila e abarca tudo. Assim, não é apenas o esforço pessoal do buscador que produz essa experiência mística profunda; há também a graça divina.

Não ter desejos é a condição da Imortalidade.

14. Quando todos os desejos que habitam o coração se desfazem, então o mortal se torna imortal e aqui mesmo alcança Brahman.

DESEJOS: Os três principais desejos estão relacionados a prole, riqueza e felicidade no céu.
CORAÇÃO: Refere-se ao *buddhi* (intelecto), onde os desejos se apegam. O *Ātman* (o Ser) está sempre livre de desejos.
DESFAZEM-SE: Porque, para quem conhece Brahman, não há mais nada a desejar. Os desejos surgem na mente durante o estado de ignorância, quando o homem se identifica como um ser limitado.
MORTAL: As noções de nascimento e morte resultam da ignorância da verdadeira natureza do homem e da identificação com o corpo.
IMORTAL: O *Ātman*, infinito e onipresente, está além do tempo e do espaço, livre da lei de causa e efeito. Portanto, nascimento, morte e renascimento não se aplicam a Ele.
AQUI MESMO: O homem pode destruir todos os seus laços e alcançar a Liberação enquanto ainda vive neste corpo. A Imortalidade é a realização da eternidade do *Ātman*, e essa realização é possível aqui na Terra.

Novamente, enfatiza-se que o desapego, que revela a natureza imortal do Ātman, deve ser cultivado enquanto se vive no corpo.

15. Quando todos os laços do coração são rompidos aqui na Terra, então o mortal se torna imortal. Esta é, em resumo, a essência do ensinamento.

LAÇOS: Os desejos amarram a alma ao mundo. Eles são produtos da ignorância e criam noções como 'Este é o meu corpo', 'Esta é a minha posição', 'Eu sou feliz', 'Eu sou infeliz', e assim por diante.
ROMPIDOS: A ignorância e seus efeitos são destruídos pelo Conhecimento de Brahman, que desperta no homem a consciência de que ele é Brahman, o Absoluto, livre de toda relatividade. Apenas o Conhecimento de Brahman pode cortar a ignorância pela raiz.
AQUI NA TERRA: A Liberação é alcançada através do Conhecimento e não tem relação com a morte ou o que vem depois.
ESTA É A ESSÊNCIA: O resumo e conclusão do ensinamento do Vedanta.

Alguém poderia argumentar que um homem em sono profundo ou estado inconsciente também parece estar livre de desejos. A resposta é que ele não está verdadeiramente livre, pois, ao voltar ao estado normal, novamente se torna consciente de seus desejos. A verdadeira ausência de desejos só ocorre com a realização da natureza infinita e eterna do *Ātman*.

Os ensinamentos do Upanishad estão completos com o verso anterior. O que se segue não se refere ao conhecedor do Brahman supremo: como resultado de sua realização da identidade com o Brahman onipresente, ele rompeu, enquanto ainda no corpo, todos os múltiplos laços da ignorância. Para tal alma iluminada, nenhum renascimento é possível. 'Ele alcança Brahman aqui.' 'Seu prana não vai a nenhum outro lugar para renascer; funde-se aqui no Brahman Supremo.' 'Sempre uno com Brahman, ele realiza Brahman.' Os versos seguintes referem-se àqueles que, após a morte, ou vão para Brahmaloka ou retornam à Terra a partir de um céu inferior para continuar sua existência fenomênica. Seu propósito é mostrar, por contraste, o bem único que segue o Conhecimento de Brahman. Além disso, Nachiketa havia perguntado ao Rei da Morte sobre o sacrifício do fogo como seu segundo desejo, e recebeu uma resposta adequada. Agora o Upanishad descreve como o fruto desse sacrifício é colhido.

16. Há cento e uma artérias no coração, uma das quais perfura o topo da cabeça. Subindo por ela, o homem [na morte] alcança a imortalidade. Mas quando seu *prana* passa por outras artérias, indo em direções diferentes, então ele renasce no mundo.

UMA DAS QUAIS: Chamada *sushumna* pelos *yogis*.
UM HOMEM: Referindo-se ao adorador de *Saguna* Brahman, que, no momento da morte, controla o *ātman* no coração pelo poder do yoga e o faz subir pela artéria *sushumna*.
IMORTALIDADE: Não a Imortalidade absoluta experimentada pelo conhecedor do Brahman Supremo, mas a imortalidade relativa desfrutada pelos habitantes de *Brahmaloka*.
MAS QUANDO, ETC.: Refere-se àqueles que estão apegados ao mundo e voltam à Terra após experimentarem os resultados de suas ações passadas.

A Vedanta não-dual fala de vários caminhos após a morte, dependendo do mérito relativo das ações e do conhecimento de alguém enquanto vive na Terra. Os adoradores de *Saguna* Brahman vão, após a morte, para *Brahmaloka*. Aqueles que, com o objetivo de desfrutar recompensas materiais, cumprem seus deveres diários e adoração ritualística, e também se dedicam a trabalhos humanitários, vão para um céu inferior, de onde retornam à Terra e assumem corpos humanos. Aqueles que são desprovidos de consciência espiritual e se entregam a ações vis nascem como seres sub-humanos. Estes, no entanto, também renascem, em encarnações ainda posteriores, como seres humanos, quando retomam o fio de sua evolução superior. Todos os caminhos mencionados acima pertencem àqueles que não alcançam o Autoconhecimento completo enquanto vivem na Terra. Mas o conhecedor de Brahman se liberta de todas as noções de tempo, espaço e causalidade, que são criadas pela ignorância, e alcança a Imortalidade mesmo neste corpo.

O Upanishad é concluído:

17. O *Purusha*, não maior que um polegar, o Ser interior, sempre habita nos corações dos homens. Que o homem O separe de seu corpo com firmeza, como se separa o talo tenro de uma folha de grama. Que ele conheça esse Ser como o Brilhante, como o Imortal — sim, como o Brilhante, como o Imortal.

SEPARE-O: O *Ātman* pode ser separado do corpo, da mente e do resto por meio de disciplinas espirituais como discriminação, desapego e autocontrole.
FIRMEZA: Paciência infinita e perseverança são necessárias para a realização do Autoconhecimento. Descuido e preguiça são seus maiores inimigos.
TALO, ETC.: O broto tenro geralmente fica escondido em uma folha de grama. É necessária uma mão firme e uma mente bem controlada para separar um do outro.
SIM, ETC.: A repetição indica que o *Upanishad* termina aqui.

Os ensinamentos do Upanishad são elogiados:

18. Tendo recebido esta sabedoria ensinada pelo Rei da Morte, e todo o processo do yoga, Nachiketa libertou-se das impurezas e da morte e alcançou Brahman. Assim também será com qualquer outro que conheça, desta maneira, o Ser mais íntimo.

TODO O PROCESSO, ETC.: Ou seja, incluindo os métodos e resultados do yoga.
IMPUREZAS: Caracterizadas por *dharma*, ou retidão, e *adharma*, ou não retidão, mérito e demérito, e todos os outros pares de opostos pertencentes ao universo relativo.

A realização do Autoconhecimento e a conquista da Imortalidade são possíveis para todos que estiverem dispostos a praticar a disciplina.

Aqui termina o Capítulo Três
da Parte Dois do
Katha Upanishad.

Aqui termina o Katha Upanishad.

ॐ

CANTO DE PAZ

Om. Que Brahman nos proteja a ambos! Que Brahman nos conceda a ambos o fruto do Conhecimento! Que ambos obtenhamos a energia para adquirir o Conhecimento! Que o que estudamos juntos revele a Verdade! Que não guardemos qualquer mágoa um pelo outro!

Om. Paz! Paz! Paz!

O canto da paz é recitado tanto pelo mestre quanto pelo discípulo para remover qualquer mácula incorrida ao transmitir ou receber o ensinamento.